

Colecionador de Sacis
apresenta



Arte: William Chamorro

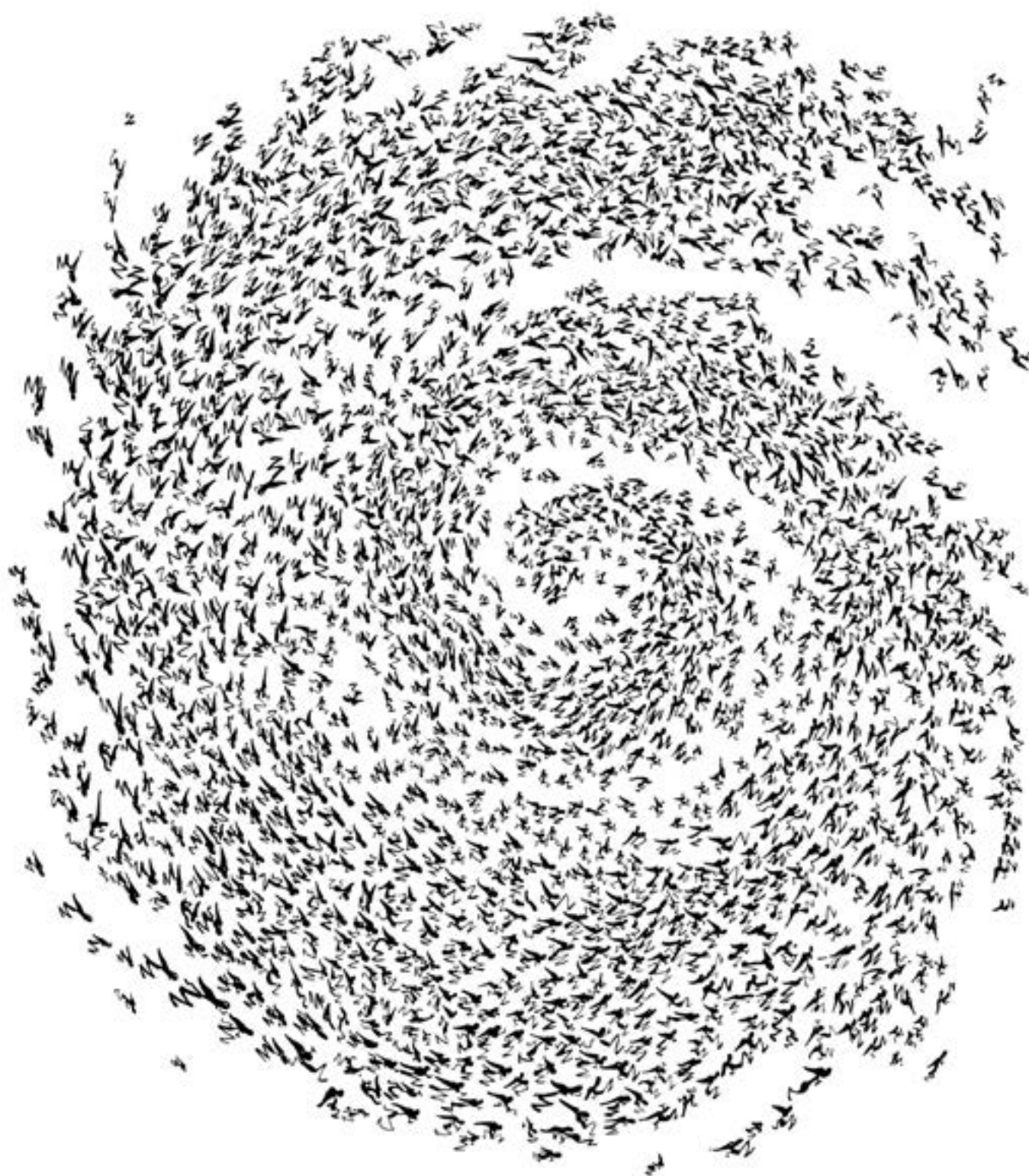
SACI PERERÊ

100 ANOS DO INQUÉRITO

Para Lobato.

Para os sacis.

Para nós.



2017



~~Sati~~ n'est pas une pipe.

EDITORIAL

Em 26 de janeiro de 1917, Monteiro Lobato publica no Estadinho - o suplemento vespertino do jornal O Estado de S. Paulo um artigo intitulado Mitologia Brasileira. Nele, convocava os leitores a responder um breve questionário de três perguntas. Um Inquérito sobre o saci.

A resposta foi imediata. Lobato recebeu causos, contos e até poemas inspirados pela figura do negrinho pernetá, escolhido por ele como um verdadeiro estandarte da cultura nacional. O duende empresta características trindade formadora da identidade brasileira, negros, índios e europeus. Traz o riso como enfrentamento, o deboche como arma. É o saci o mito que mais diz sobre nós. Sobre todos nós.

O material recolhido se tornou um livro publicado no ano seguinte: **Sacy Pererê - Resultado de um Inquérito**. Nele encontramos sacis de todos os tipos: simpáticos ou agressivos; com uma perna direita, uma perna esquerda ou até mesmo as duas. Sacis com rabos, com chifres, cascos ou orelhas de morcego. Um documento que nos lembra que não existe um só tipo de saci, nem mesmo trezentos. Sacis são infinitos, há um para cada crença.

Este marco tão importante na literatura folclórica brasileira também não está livre de críticas. O antropólogo Renato Queiroz, em **Um mito bem brasileiro** nos lembra que quem responde ao inquérito são principalmente pessoas letradas, assinantes do Estadão. Assim há uma predominância de histórias de estancieiros ou filhos de donos de escravos, o que privilegia a demonização de características tipicamente negras: o nariz, os “beijos”, o cabelo. Em estudos etnográficos em propriedades interioranas menos elitizadas, essas características quase não foram levantadas ao se falar em saci.

Os mitos, vale lembrar, são mutantes e mutáveis. Nenhum dicionário ou folclorista é capaz de cravar uma versão “verdadeira” de um ser que não habita o texto do vernáculo, mas sim vive no imaginário do povo. Assim, Lobato capturou com seu Inquérito um registro de seu tempo, um momento que mostra toda a riqueza

de um personagem que diz sobre o Brasil de tantas formas diferentes.

Neste especial feito pelo Colecionador de Sacis para celebrar os 100 anos do Inquérito, não pretendemos repeti-lo. O que pretendemos é, assim como fez Lobato, mostrar o saci nas suas mais diversas formas. Como ele é, como ele foi, como ele pode ser. Como a linda arte da capa de **William Chamorro** faz transparecer, queremos mostrar vários retratos de saci. Tantos quanto possível.

Nossa missão, nestes 100 anos de inquérito, é mostrar como o saci ainda vive no dia a dia do brasileiro, mas em novas formas. O saci que some com o dedal da costureira e trança a crina dos cavalos é o mesmo que dá nó no fone de ouvido que fica no bolso. O mesmo que faz cair o 4G do celular. O Saci não ficou na roça. Passeia entre nós. Não está restrito ao dia do folclore nas escolas, nem às discussões contra Halloween que povoam as redes sociais. Saci não é discurso, é mito vivo.

Vocês podem encontrá-lo nos grafites pelos muros de São Paulo - e quero ver prefeito algum deixá-lo preso a um gráfítodromo. Encontram nas músicas, nas histórias em quadrinhos, na literatura e até nos vídeo-games. Saci está nas brincadeiras, na cultura pop, nas histórias de nossos pais e que logo serão as de nossos filhos. Saci está aí. Basta encantar o olhar, abrir bem os ouvidos e escutar aquele assobio que arrepiá a alma.

Esta revista foi feita com amor e carinho para todos aqueles que buscam esse encantamento. A distribuição é gratuita, o preço é que você leve as histórias que encontrar aqui adiante. Sua feitura também foi totalmente voluntária. Agradeço a todos os ilustradores, escritores e colaboradores que cederam seu trabalho com tanto entusiasmo para esta iniciativa. Incorporaram bem o famoso mote de trabalho em equipe da Sosaci: “Sacis de todo o mundo, uni-vos! Nada tendes a perder a não ser a outra perna!”.

Boa leitura e viva o saci!



Arte: Rodrigo Rosa

EXPEDIENTE

coleccionadordesacis.com.br

Direção e Redação

Andriolli Costa

andriolli_costa@hotmail.com

Colaboração em texto:

Ana Paula Aparecida Oliveira

André Lima Carvalho

David Dornelles

Douglas Rainho

Egídio Trambaiolli Neto

Elizeu Batista Thomé

Elói Boheco

Gastão Ferreira

Gláucia Santos Garcia

Itaércio Rocha

Jorge Alexandre

Lucas Baldo Fraga

Margareth Assis Marinho

Neide da Cunha Pinto

Olívio Jekupé

Ronaldo Clipper

Sérgio Bernardo

Tânia Souza

Victoria Baubier

Wallace Gomes

Colaboração em Foto:

Douglas Colombelli

Gustavo Beuttenmuller

Jessika Andras

Leo Dias de los Muertos

Maurício da Fonte Filho

Ilustradores:

Adriano Batista

Alice Bessoni

Altemar Domingos

Anderson Awvas

Anderson Barbosa Ferreira

Bruno Lima

Fabio Dino

Fábio Vido

Fábio Meireles

Felipe Minas

Geraldo Borges

Giorgio Galli

Ícaro Maciel

Joe Santos

João P. Gomes de Freitas

José Luiz Ohi

Mikael Quites

Mil Araújo

Monteiro Lobato

Odoberto Lino

Rafa Louzada

Rafael Pen

Rodrigo Rosa

Romont Willy

Stuart Marcelo

Talez Silva

Thiago Cruz (Ossostortos)

Ursula Dorada (SulaMoon)

Vilson Gonçalves

Waldeir Brito

Webby Junior

William Chamorro

SUMÁRIO

Editorial	4
Colecionador de Sacis?	6
Calendário do Saci	7
Um Saci Centenário.....	8
E os 90 anos do inquerito?	9
Quem é esse Pokémon?	10
Folclore Go!.....	11
Arte: Mikael Quites	13
Mostra Curta Saci	14
Sacizando a Podosfera	15
Poema - Saci Pererê	16
Poema - Encantatório	17
Estátua de Saci	18
Saci também pula em terreiro de Umbanda	19
Odoberto Lino o inventor de sacis.....	20
Orelhas de Pau	22
Arte - Fábio Vido	23
Saci, Protetor da floresta	24
Saci nos Quadrinhos	26
Arte - Bruno Lima	28
Arte - Mil Araújo	29
Conto - Alergia à Ventania.....	30
Arte - Vilson Gonçalves	32
Arte - Eduardo Cardenas.....	33
Saci no Audiovisual	34
Saci Animado	36
Saci Repórter	37
Poema - Redemoinho do amor	38
Poema - Acróstico de uma perna só.....	38
Causo - Agradável saci da represa Billings	39
Arte - Joe Santos.....	40
Chefão de Fase	41
Arte - Waldeir Brito.....	42
Arte - Stuart Marcelo	43
Ulisses no País das Maravilhas	44
Arte - Felipe Minas.....	46
Arte - Ícaro Maciel	47
Socorro, vamos salvar a floresta!.....	48
Arte - Gustavo Beuttenmuller.....	50
Conto - Cidade Acordada	51
Saci na Musica	52
Arte - Leo Dias de los Muertos	53
Causo - A Noite do Saci.....	54
Causo - Passando a perna no saci.....	55
Causo - Surra de Urtiga	55
Dia do Saci x Halloween	56
Festas do Saci	57
Saci Fantástico	58
Arte - Jay Beard.....	60
Arte - Thiago Cruz (Ossostortos).....	61
A peleja do Pererê contra os comentaristas de portal	62
Arte - Anderson Awvas.....	63
Conto - Assim contou o Preto Velho	64
Arte - Douglas Colombelli.....	66
Arte - Anderson Barbosa Ferreira.....	67
Causo - Abraço do Saci	68
Conto - O Bambuzal	69
Arte - Andriolli Costa	70
Arte - Jessika Andras	71
Caça ao Saci	72
Arte - Maurício da Fonte Filho	73
Masmorras & Boitatás	74
Conto - É um Pássaro?.....	75
Conto - Assovio Distante	76
Arte - Adriano Batista	77
Conto - Entre Pontos	78
Arte - Alice Bessoni	80
Arte - Rennan Akio	81
Arte - João P. Gomes de Freitas	82
Saci Urbano	83

Arte: José Ohi



COLECIONADOR DE SACIS?

Da Redação

O Colecionador de Sacis é **Andriolli de Brites da Costa**, 27 anos, natural de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Jornalista por formação, iniciou seus estudos em folclore ainda na graduação investigando Monteiro Lobato como agente folkcomunicação e a presença da cultura popular na adaptação seriada do Sítio do Picapau Amarelo.

Deu andamento aos estudos no mestrado em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina, concluído em 2013. Nele, estudou a cobertura jornalística das lendas dos **tesouros enterrados** no Paraguai. Hoje, no doutorado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, desdobra-se entre a tese e as pesquisas sobre a **presença dos mitos** no cotidiano.

As pesquisas transbordam em inspiração artística. Andriolli dirigiu, roteirizou e editou dois curtas-metragens: **Enterros** (2015) e **O Colecionador de Sacis** (2016). Atualmente finaliza seu novo filme, Medusa. Para a circulação da produção audiovisual, criou mostras de cinema que ganharam identidade própria como a Mostra Curta Saci, que une cinema, folclore e contação de histórias para crianças (ou palestras para adultos). Também tem planos para romances envolvendo cultura popular, mas enquanto isso dá vazão à narrativa curta pelo **Watpadd**.

O blog homônimo ao filme, **O Colecionador de Sacis**, foi criado em janeiro de 2015, em um desejo de unir jornalismo e folclore na pauta da imprensa. Foi do contato com tantos artistas, escritores, designer de jogos ou simplesmente pessoas apaixonadas pelo folclore brasileiro que surgiu o desejo de fazer esta revista.

Para 2017 muitos projetos novos estão a caminho. Em parceria com o site Mundo Freak será lançado uma temporada do podcast **Popularium**, que vem discutir o mito folclórico pela perspectiva do imaginário. Mais do que relatar verbetes de dicionários folclóricos, o programa busca interpretar a descrição e suas repercussões sociais. O episódio piloto, sobre a Mula Sem Cabeça como mito misógino de restrição do feminino já está no ar.

Há ainda propostas de roteiro de mangás, animações e até mesmo em outras mídias. São ainda propostas em estágio inicial, mas muito animadoras. Sempre tendo em vista o respeito e a valorização à essa imaginário mitológico que não diz respeito a monstros, espíritos ou seres fantásticos, mas a nós mesmos.

Colecione você também



Arte: Vilson Gonçalves





Foto: Andriolli Costa

CALENDÁRIO DO SACI

Andriolli Costa

Ano após ano, desde 2008, o **Sacizal dos Pererês** nos brinda com uma linda edição do Calendário do Saci. Com ele, as homenagens ao folclore brasileiro não ficarão mais restritas às datas comemorativas como o 22 de agosto ou o 31 de outubro. Poderão nos acompanhar durante todos os meses, preenchendo os dias com encantamento.

Produzido pela ONG sediada em Brasília, em parceria com a Corpore Facilities, o calendário traz a cada mês uma ilustração e a história de um mito diferente.

Por vezes, inclusive, o Sacizal organiza uma enquete virtual para que os leitores sugiram novas lendas para serem divulgadas. Isso faz com que o calendá-

rio não contemple apenas sacis, iaras e curupiras, mas também lendas como a do Chaga de Onça, do João do Mato ou da Mulher Pata.

Não é preciso pagar para receber em casa o Calendário. Tudo que é preciso é escrever para o Sacizal contando a sua relação com o folclore e por que deseja receber os calendários. O preço a ser pago é compartilhar as histórias que ele carrega, levando para mais pessoas as ricas histórias do folclore brasileiro.

Para solicitar o seu, acesse sacizaldospereres.blogspot.com e entre em contato! Lá você também pode conferir todas as artes e lendas dos calendários anteriores. O de 2017 já está disponível!

UM SACI CENTENÁRIO

Carlos Carvalho Cavalheiro



Arte: José Luiz Ohi

O ano de 2017 marca o centenário de uma inusitada publicação gestada pelo entusiasmo do escritor Monteiro Lobato. Trata-se do afamado livro **O Sacy Pererê - Resultado de um Inquérito**, que surgiu em 1917 com a proposta apresentada aos leitores do jornal O Estado de S.Paulo. As colaborações superaram as expectativas e, um ano depois, em 1918, foram compiladas em forma de livro.

Há uma ou outra intervenção de Lobato no livro, mas basicamente são coletâneas de cartas de leitores enviadas ao jornal. A obra tornou-se referência, posteriormente, pela riqueza de informações que trouxe sobre o mito do Saci-Pererê. Percebe-se, pela leitura do Inquérito, que a figura do Saci não apresentava uma uniformidade, variando de lugar para lugar, de região para região. A capa do livro, por exemplo, apresenta um Saci com porrete na mão e chifres na testa.

Adelino Brandão, no artigo **Presença do Saci**, publicado na Revista do Arquivo Municipal em 1971, adverte que a figura do Saci, “estilizada na figura do pretinho unípede, que fuma cachimbo, usa um barrete vermelho e se diverte dando nó na crina dos cavalos”. resultou de um processo de muitas metamorfoses e transformações. Saci com duas pernas, Saci branco, Saci indígena... Atualmente o pesquisador e escritor Olívio Jekupé tem se esforçado em mostrar que a origem do nosso Saci está entre os indígenas brasileiros. Maria Luíza Campos Aroeira, no livro **Minhas Atividades** já dizia que o Saci era fruto da imaginação das três principais etnias formadoras do povo brasileiro.

Por outro lado, José Carlos Rossato, no livro **Saci**, chama

a atenção para o fato de que “primitivamente o Saci surgiu como um mito ornitomórfico, isto é, um pássaro encantado”. O mesmo autor apresenta uma lista de seres fantásticos de diversos países e que são correspondentes ou análogos ao nosso Saci: Gremlin, nos Estados Unidos; Fradinho da Mão Furada em Portugal; Curilo na Inglaterra; Koblode na Alemanha.

Curiosamente, a historiadora Ecléa Bosi recolheu uma informação interessante. Um de seus entrevistados para a sua tese de doutorado, que se converteu no livro **Memória e Sociedade - Lembranças de Velhos**, apresenta o seguinte testemunho: “A respeito do meu pai tenho que contar que ele viu o saci. O saci brasileiro tem uma perna só, mas o saci italiano tem duas pernas. Chamava-se, pelo dialeto que falávamos em casa, *scazzamuriddu*, parece-me que quer dizer aquele que salta muros. Era pequeno, baixinho, arteiro, sabia onde estavam os tesouros e os dava para quem ficasse com o chapéu dele. Minha mãe dizia: ‘Você é tão bobo que deixou o saci fugir com o boné’”.

Pois é. Passados cem anos ainda nos deparamos com o Saci metamorfoseado, nos confundindo e logrando, realizando as suas artimanhas para não ser capturado pela nossa razão, cujo único intento é destruir o que de belo e humano a imaginação criou.

Carlos Cavalheiro é historiador, teólogo, educador e saciólogo de São Paulo/SP, responsável pela tentativa de refazer o Inquérito sobre o Saci em 2006.

Arte: Monteiro Lobato

E OS 90 ANOS DO INQUÉRITO?

Andriolli Costa

A primeira vez que ouvi falar no trabalho de Carlos Carvalho Cavalheiro foi em 2007. Eu havia acabado de iniciar minha pesquisa sobre cultura popular, com foco no Sítio do Picapau Amarelo quando descobri que alguém tentara refazer o histórico Inquérito sobre o Saci, de Monteiro Lobato para celebrar os 90 anos da pesquisa. Hoje, no centenário do Inquérito, pudemos finalmente conversar. “Eu já escrevi certa vez que o mundo é redondo para que os homens não se escondam nos cantos”, brinca ele.

O Inquérito de Carlos nunca foi oficialmente encerrado. Aberto em 2006 para as celebrações do ano seguinte, continuou recebendo colaborações em fluxo contínuo até agora. Em uma década foram cerca de 40 depoimentos, entre textos, artigos, ilustrações, poesias e letras de música. Tal qual o trabalho lobatiano. O plano era transformar tudo em livro para aproveitar a data, algo que acabou não acontecendo.

Ocorre que hoje o número é respeitável, mas a resposta foi demorada. A divulgação foi uma dificuldade: feita basicamente por e-mail, sem a ajuda da grande mídia - como em 1917, ou das redes sociais como foi possível agora. “Se houvesse mais adesão na época, quem sabe tivéssemos estímulo para fazer o livro”, lamenta Carlos. Até 2012 ele ainda enviava e-mails pedindo histórias, mas os compromissos profissionais e o próprio nascimento do filho fizeram a coleta ficar de lado.

Ainda há planos de utilizar o material, no entanto, que conta com riquíssimos depoimentos. Tanto que Carlos tem dificuldade para selecionar os favoritos. Textos dos gabaritados Luis Galdino e Olívio Jekupé estão na lista, é claro, mas há aqueles que foram grande surpresa. “Um saciólogo escreveu um **estudo filogenético** sobre a predominância dos sacis de perna esquerda sobre os de perna direita”, diverte-se.

Uma das críticas feitas ao trabalho de Lobato é a predominância de relatos da elite. Afinal, quem responde ao chamamento do autor são homens letrados, assinantes do Estado de S. Paulo. Em verdade, o recorte tecnológico é uma deficiência que também temos hoje. Afinal, nem todos possuem acesso ou disposição para traduzir um caso da oralidade para o texto escrito, e enviar o resultado para outrem - seja por correio físico ou eletrônico.

“Infelizmente qualquer pesquisa sempre será uma interpretação acadêmica sobre uma narrativa po-

pular. É uma contingência do formato, que não tira sua validade”, reflete Carlos. “É sempre uma parcela da população que se expressa”.

Carlos, que é historiador, com formação em pedagogia e teologia, explica que a linguagem simbólica do mito toca os seres humanos de maneiras que o indivíduo não consegue explicar pela razão. “Até porque o mito não se entende pela racionalidade”. Foi essa potência que sempre o tocou e encantou, e Carlos faz questão de transmitir o encantamento adiante.

“Certa vez recebi uma garrafa que supostamente continha um saci. Levei para a escola onde dou aula em Sorocaba, deixei na coordenação e avisei do conteúdo”, relembra ele. “A coordenadora debochou, chacoalhou a garrafa e disse que dentro não havia nada. Pois não deu muito tempo e a umidade da garrafa começou a evaporar. Ela foi correndo me entregar a garrafa por que tinha visto um saci lá dentro”. O pernetá apareceu por que foi desafiado, conclui.

Aproveito a formação em Teologia de Carlos para questionar sobre a relação entre saci e religiosidade. Afinal, para muitos ele é o próprio demônio, ou ainda um diabinho que escabou do inferno enquanto o diabo fazia um forró. Ao mesmo tempo, em Serra Negra, a igreja de São Benedito traz sacis com asas de anjo em seus murais, junto aos demais santos católicos.

“As bases que fundaram nossa cultura sempre foram baseadas em muito sincretismo e muito preconceito”, reflete. “Tudo que é desconhecido tentamos interpretar conforme nossa cultura. Assim os católicos vão entender o saci como demônio, pela própria relação dele com as religiões de matriz africana que foram demonizadas”.

Isso vale também para diferentes sistemas de crença. “Aqueles que acreditam em alienígenas vão entender aparições do saci como contatos extra-terrestres, como faz Antônio Faleiros. Quem pratica o espiritismo vai ver o saci como um espírito zombeteiro. Roselis Von Saff, da Ordem do Graal na Terra via ele como ser da natureza, aparentado dos gnomos e duendes”.

Espírito, demônio, força da natureza. O que é o pernetá, afinal? A melhor resposta até agora é que o saci apenas é, e isso é o bastante.

Quem é esse Pokémon?

*Inspirados pelo folclore brasileiro,
artistas aproveitam hype do novo
game para criar suas próprias
versões dos monstros*

Andriolli Costa



“Quando eu o criei o Saciklore, decidi fazê-lo como se fosse um espírito que pregaria peças. Por isso ele é um pokémon do tipo “Dark”, que além de ser conotativo de trevas, escuridão, pode ser relacionado aqueles que aprontam, fazem brincadeiras”.

- Fábio Meireles, criador dos [Fakemon - Metanik](#)

“A lembrança mais clara do saci para mim era de quando assisti o Sítio na TV Globinho, então o cachimbo e o furacão em que o saci andava serviram de inspiração na hora de criar o Saceew e sua evolução, o Screwper”.

- Webby Junior, criador dos Fakemon BR



FOLCLORE GO!

O fenômeno Pokémon Go, que chegou ao Brasil em junho de 2016, também serviu de matéria prima para outras brincadeiras, também buscando ir para a rua, mas dispensando o aparato tecnológico.

No **Hotel Fazenda Mazzaropi**, em Taubaté/SP, a criançada brincava de Saci Go! E ao invés de pokébolas, usavam peneiras para caçar o duende brasileiro.

Algo parecido fizeram as professoras da escola estadual **Ignácio Zurita Jr**, em Araras/SP, que levaram os alunos à rua para encontrar mitos do folclore nacional.

Já no âmbito dos negócios, a Revista Isto É Dinheiro chegou até a fazer uma matéria questionando por que o saci não poderia servir para inspirar jogo de tanto sucesso quanto pokémon. A conclusão é que não há uma identidade nacional gamer que favoreça essas narrativas locais.

O tema não deixou de render memes de todos os tipos nas redes sociais, como esta arte que ilustra a página, criada pela página **Botucatu da Depressão**.





Mikael .12.26



MIKAEL QUITES

Andriolli Costa

A história de Mikael Quites com ilustração e folclore não vem de hoje. Aos 11 anos de idade, por convite de uma amiga de sua mãe, ilustrou o livro infantil em italiano **Leggende del Brasile**. O traço, ainda em formação e finalizado à lápis de cor contrasta completamente com o fino acabamento e a finalização digital das obras que desenvolve atualmente. No entanto, é possível perceber ali o embrião que o levaria hoje, como concept artist, a desenvolver um trabalho tão consistente no redesign de mitos e lendas brasileiros.

A inspiração para as criações vem de vários lugares diferentes. De livros, de outros artistas, mas principalmente da experiência. Das viagens que faz, das pessoas que conhece, dos relatos que escuta e daquilo que vê.

Das recentes viagens para o Amazonas, veio a ideia para fazer a lara. Não mais a bela criatura cantada

pelos poetas, mas uma criatura humanóide, com inspiração na estrutura física do boto cor de rosa. Os olhos, dos peixes abissais, dão um ar ainda mais monstruoso à criatura.

Um exercício criativo constante ao qual se impôs no final de 2016 foi a criação de sketches com suas versões dos mitos brasileiros - dos mais conhecidos aos mais regionais. Vários deles, inclusive, possuem raras ilustrações pela rede. Dos quase 25 que produziu, podemos destacar o Maozão, o Cresce-Míngua, o João Galafuz e várias outras visagens.

Dos relatos de um saci ave, a Taperia Naevia, passaro do norte cujo canto teria emprestado o nome ao perneta, desenvolveu uma série de estudos para criar a sua versão do duende brasileiro. Na imagem acima podemos ter ideia da variedade de versões. Ao lado, o resultado já finalizado produzido para o Dia do Folclore.

MOSTRA CURTA SACI

Folclore, Cinema e Identidade

Foto: Leonil Junior



Apresentação no Cine Caramelo, em Porto Alegre/RS, contou até com intérprete de Libras.

Andriolli Costa

Era dezembro de 2015 e eu havia acabado de finalizar meu curta-metragem, **O Colecionador de Sacis**. Com alguns anos de pesquisa nas costas, um curta nas mãos e vontade de criar, entrei em contato com vários diretores que também produziram inspirado no duende brasileiro. Mais do que uma sessão de cinema, queria uma experiência saci.

Assim surgiu a Mostra Curta Saci, evento que une cinema, folclore e contação de histórias. O sucesso foi construído aos poucos, dependendo dos parceiros que acreditavam no projeto: o MIS/MS, o Cine-clube Bocacine, o SESC/MS, a secretaria de cultura de Mococa/SP e o Cine Caramelo. Foram 10 sessões ao longo do ano, em que plantamos a semente do encantamento para mais de 1700 pessoas.

As próprias palestras viram histórias. Em Corumbá, um menino contou que seu pai matou um saci. Abriu a barriga do pobre pernetá e ele estava recheado de carvão! Já em São Leopoldo, um garoto ficou decepcionado por eu não ensinar técnicas para o assassinio de sacis. “Achei que você ia mostrar a cabeça arrancada dele!”. Talvez eu devesse apresentá-lo ao pai do menino corumbaense. Eles se entenderiam bem!

Não, não ensino a matar sacis. Nem mesmo a capturar. Afinal saci é folclore, não pokémon. Para ter o saci por perto é preciso ficar amigo dele. Ele tem que querer estar ao seu lado. Fiquei muito feliz, inclusive, quando uma professora contou que, depois da Mostra, os alunos vieram pedir a soltura dos sacis, que haviam colocado em garrafas naquele mesmo mês. A mensagem encontra seu eco.

Muitas pessoas costumam dizer que criança de hoje não quer saber mais de folclore, só de computador. Meu eu estava lá e vi **800 crianças** de 10 anos de idade pedindo mitos na Mostra como torcida de futebol: “Boto, boto!” - pediam em coro. “Boitatá! Boitatá”, e batiam os pés no chão.

Encerro a apresentação ensinando um “feitiço de encantar os olhos”, para a criançada poder ver saci a hora que for. De olhinhos fechados, elas assoviavam chamando o saci. “A hora que o saci responder, você vai sentir que deu certo”.

Pois em Porto Alegre, na última apresentação do ano, quando desci do palco, um menino me chama de lado, com os olhinhos brilhando. “Moço, eu senti! Eu senti!”. E tudo valeu a pena.

SACIZANDO A PODOSFERA

Andriolli Costa

Descrito muitas vezes como “um programa de rádio para a internet”, com a peculiaridade de poder ser ouvido com a conveniência de um download, o podcast é uma mídia em constante ascensão. No Brasil, se de início a grande maioria dos programas se centrava em discussões de tecnologia ou cultura pop/geek, hoje o universo de temas cobertos pelos podcasts é cada vez mais vasto. O fato, por si só, colabora para a expansão da mídia em outros nichos, e convida à constante inovação. Surgem novos formatos, novas estéticas de edição, novos apresentadores, novos sotaques, democratizando a chamada podosfera em seus mais variados aspectos.

O Colecionador de Sacis participou de alguns programas ao longo desses anos, cuja participação destacamos abaixo. No entanto, deixamos também outras recomendações, como o [Mundo Freak #98](#) sobre Causos de Lobisomem e o [Escambacast #22](#) sobre folclore brasileiro, ótimos episódios que tratam das nossas histórias com seriedade, sem o viés do deboche e da desqualificação que tanto vemos por aí.

Agência Transmídia



Este podcast, capitaneado por Vitor Hugo Mota, simula as reuniões de brainstorming de uma empresa de produção multimídia. No episódio 26, recebemos o briefing fictício para o desenvolvimento de um mockumentário sobre o saci para a Netflix. Quem sabe um dia, não?

Papo Lendário



Leonardo Tremeschin comanda este podcast, que após muitos anos tratando das mitologias dos mais diversos países tratou sobre folclore brasileiro no episódio 130, especial sobre o Colecionador de Sacis. Retomamos o assunto no programa 139, O Folclore dos Ouvintes.

Mundo Freak



Andrei Fernandes é o criador deste programa, focado no insólito e no sobrenatural. Falamos de folclore e principalmente dos sacis no episódio 117, O Sombrio Folclore Brasileiro. A parceria rendeu mais um programa: o [Popularium](#), que tratará exclusivamente sobre folclore.

SACI PERERÊ

Elói Bocheco

O Saci Pererê era uma miragem das mais ilustres em minha infância. Andava solto pelos campos, matas, terreiros, galpões, lavouras, estradas. Junto com outras visagens do repertório oral foi um grande companheiro de minha infância camponesa nos anos de 1960. Este poema está presente no meu livro *Cobra Norato e Outras Miragens*.

Pula que nem esquilo
Corre que nem preá
Barrete vermelho
e cachimbo,
ele vai chegando...
ele vai chegando...
ele vai assobiar....

Quem deu nó cego
no rabo do cavalo?
Quem gorou os ovos
da galinha?
Quem desmanchou
a casa do passarinho?
Foi o saci-pererê
que saiu do redemoinho.

O fogo apagou
Não foi a água
A comida azedou
Não foi o tempo
A massa desandou
Não foi o fermento
Foi o Saci-pererê
que saiu do vento.

Cadê dedal, cadê agulhinha?
Saci-pererê escondeu
na cozinha.
Misturou o milho e a cevada
Botou sal na goiabada
Trançou os cachos do trigo
Jogou cinza no doce de figo.

Do monjolo faz peteca
Do terreiro faz pião
Do quintal faz chicote
Da campina faz pilão

Da lenha faz carretéis
Da cantina faz lagoa
Da cerca faz gangorra
Da ponte faz canoa
Se deixar o saci por conta,
não tem fim o que ele apronta.
Mas, se lhe tirarmos o barrete encarnado,
Pulará o saci para outro lado.

Vem redemoinho,
vem ligeiro....
e leve embora este moleque arteiro!

ENCANTATÓRIO

Sérgio Bernardo

*“A vida tem que ser encantada.
Quem não tem imaginação para sonhar coisas,
sonha com o Saci.”
- Ruth Guimarães*

Quando tudo era grande
e o mundo eu inventava
a cada instante
houve um Saci nascido
no bambuzal debruçado
na margem do rio que corria
no fundo do quintal.
Esse Saci era meu amigo.
Vinha quando chamado
brincar comigo no porão,
parceiro das traquinagens
sem importância
que não causam arrependimento algum
e quase nunca deixam lembrança.
Mas de uma me lembro:
certa vez eu e ele
empurramos o irmão sobre o velocípede
no declive da grama
fazendo gente e brinquedo
darem duas cambalhotas
em direções diferentes
para o grito da mãe
e o choro da avó.
Lembro, porque nesse dia teve castigo
e o riso alto daquele Pererê
mangando d’eu,
vindo do fundo da noite
e que só eu escutava.
Hoje que não há mais quintal
nem soqueira de bambus
porque uma avenida se meteu
entre a casa e o rio
(e o próprio rio virou canal,
e a própria casa não é mais moradia)
já não é possível inventar o mundo
nem nascerem sacis
nos lugares onde fui morar.
Tudo o que posso,
no maior dos segredos,
é trazer esse Saci comigo
rindo às escâncaras e sempre
pitando seu cachimbo
a tramar sustos e artes
inocentes
preso aqui
dentro dessa garrafa vermelha
chamada coração.



Foto: Fabio Teixeira/Folhapress

ESTÁTUA DE SACI

Andriolli Costa

Graças ao paraense Erinaldo Cardoso Lima, 44 anos, avistamentos de Saci estão cada vez mais frequentes pelo sudeste brasileiro. Há relatos em Uruguaiana, na Feira de São Cristóvão e no Museu do Futuro lá no Rio de Janeiro. Desde o final de 2016, no entanto, há informes do Pererê principalmente nos pontos mais movimentados da Avenida Paulista. Cada relato traz a prova cabal do avistamento. Afinal, são mais de 1000 fotos que ele tira por dia incorporando o saci como estátua viva pela cidade. As selfies com o pernetá fazendo cara de mau são as mais procuradas.

Erinaldo perdeu a perna aos 20 anos de idade em um acidente automotivo. Só aos 23 conseguiu colocar uma perna. Saltando de emprego em emprego, e de cidade em cidade, acabou no Rio de Janeiro com 500 reais no bolso, mulher e os cinco filhos. A ideia que hoje lhe garante o sustento veio quando viu na TV um duende pernetá saltitando no desenho animado do Sítio do Picapau Amarelo, em 2013. Era o começo de tudo.

A perna ele já não tinha. A carapuça e a bermuda vermelha foi fácil de arranjar. A cor também não seria um problema. Erinaldo, que é branco, usa malha preta, luvas e tinta para viver o negrinho. O primeiro dia de trabalho foi na Copa das Confederações. Sucesso imediato.

De lá para cá foram muitas histórias, dignas de um legítimo Pererê. Erinaldo já foi contratado por funcionários de uma empresa para dar um susto no chefe. Já foi abordado por militares com medo de assombração. Até no baile funk ele já foi arriscar umas batidas.

Tudo que sabe sobre saci, Erinaldo aprendeu com uma professora de História especializada em folclore que lhe encontrou na rua. “Existe algo de maravilhoso no mito do saci que gera muita empatia”, reflete em entrevista ao O Globo. Só um cuidado ele não deixa de tomar: “As crianças adoram, mas quando elas chegam, eu escondo o cachimbo”.

SACI TAMBÉM PULA EM TERREIRO DE UMBANDA

Douglas Rainho

Quem vê a gira de Umbanda, pode se perguntar, mas onde pode entrar Saci aqui? Religião trata realmente de folclore e mitologia? Então, respondendo a vocês: Com toda certeza, tem saci dentro dos terreiros de Umbanda.

A Umbanda é uma religião brasileira com influências múltiplas das culturas formadoras do povo brasileiro. Encontramos elementos da cultura indígena africana e suas muitas tradições (com predomínio da cultura Nagô, Malê, Fon e Bantu) e também europeia. Desse amalgama todo, surge o povo brasileiro, a cultura brasileira, a Umbanda e também a figura que conhecemos hoje por Saci-Pererê.

De fato, muito dos elementos do Saci são herdados dessas figuras que se fundiram a entidade original. Como o mental coletivo é quem dá forma ao mito, isso é totalmente compreensivo. Podemos dizer que a pele negra acaba sendo herdada dos orixás Ossaim e Arôni. A forma de redemoinho e a própria perna única pode ser associada a essas duas entidades africanas, variando conforme a lenda. Mas e o cachimbo? Pois bem, Arôni possuía um cachimbo feito da concha de um caracol, no qual ele usava diversas ervas, não necessariamente o tabaco, um produto tradicional da pajelança latino-americana.

A figura do Saci é mais presente nas questões filosóficas e míticas da religião, não se apresentando de forma ostensiva dentro dos terreiros de Umbanda. Ou seja, o Saci não incorpora, mas pode ter sua presença evocada para determinados trabalhos, conforme a vertente que se pratica. Alguns dirigentes e praticantes acabam substituindo a figura do Saci pelo próprio Ossaim ou Arôni e outros tantos pelas figuras de Exu e Exu-Mirim. Contudo, as Umbandas com um viés mais de encantaria, conseguem trabalhar muito bem com a entidade Saci-Pererê, seja ela um elemental natural ou artificial, conforme alguns estudiosos do assunto debatem, ao ofertarem ao saci ervas, cachaça e fumo.

Aliás, esses elementos estão associados a diversas outras manifestações, seja dos próprios Exus, quanto de outros encantados, como o Negô d'água e muito mais. Praticamente temos a presença de fumo e cachaça (ou marafo, na linguagem de terreiro) em praticamente todas as evocações e em todos os “pagamentos” pelos serviços prestados.

A forma de manifestação do Saci, cabe bem na Um-

banda, nas questões que precisam de interferência para descomplicar a vida das pessoas. O Saci, como um moleque levado, sabe exatamente como outros levados pensam, e pode por meio de sua sagacidade envolver os “adversários” em situações complicadas, impedindo que esses pratiquem o mal contra os seus protegidos.

Esse é um papel que também cabe a Exu dentro da Umbanda, onde percebemos como essa figura se encaixa bem nas linhas de Esquerda. O Saci, apesar da imagem até inocente que temos dele, graças a Monteiro Lobato, é um trickster (categoria de deidades ou entidades que são dúbias) e pode causar tanto “dores-de-cabeça” quanto ajudar sem a menor cerimônia, só porque querem.

Os Pretos-Velhos de Umbanda, contam causos de moleques levados que sempre dão trabalho para eles, mas que também trabalham embaixo de suas “vistas” para a prática das “mirongas de negô”. Dizem que para você chamar o Saci, basta assobiar com um bocadinho de fumo e um golê de Marafo que o moleque arteiro vem logo para te ajudar.

Dentro da Umbanda não se trabalha com práticas negativas para prejudicar alguém. Então o Saci, assim como todas as entidades, tem uma função de caridade e de prestação de serviços, para descomplicar a vida e desimpedir os caminhos. São seres mal compreendidos e deixados de lado, assim como os Exus, pois poucos querem se dar ao trabalho de compreender a complexidade de suas ações. Não podemos julgar, pois se até Maria Mulambo queria arrancar o couro do moleque serelepe para fazer uma casaca, imagina só o que ele não aprontou com a Moça?

A Umbanda como uma religião que utiliza muito de simbologia e metáforas, respeita as crenças, lendas e mitos que já existiam na terra brasileira, compreendendo que todos são interpretações para forças provenientes da Divindade Criadora e que são lícitas de serem evocadas, trabalhadas e também reverenciadas (mas não idolatradas) desde que a prática do bem sempre pautar todos os trabalhos.

Saravá ao Saci e Saravá a todos os encantados brasileiros!

Douglas Rainho é Idealizador do blog *Perdido em Pensamentos* e Pai-Pequeno na Casa de Caridade Nossa Senhora Aparecida, em Santo André/SP.

O DOBERTO LINO

O INVENTOR DE SACIS

Andriolli Costa

Desde criança, o pernambucano OdoBERTO Lino sempre alimentou o sonho de ser quadrinista. No entanto, como sétimo filho de uma casa humilde, precisava primeiro pensar em alimentar a própria família. “Tive que pausar meu sonho por muitos anos até me estabilizar financeiramente. Então foi a hora de correr atrás”.

Hoje, aos 33 anos - três dos quais já quadrinista independente - os sonhos são outros. Pretende ultrapassar o espaço da internet e publicar **Folclorianos**, sua principal obra, em um encadernado de lombada quadrada.

Folclorianos é um mangá, escrito e desenhado pelo pernambucano e publicada em abril de 2015. A história mistura humor e ação, com um clima interiorano delicioso e a presença de diversos mitos brasileiros.

A história começa quando o saci rouba as roupas de João, um menino da roça que fazia de tudo para conseguir arrastar Margarida para o seu banho de rio. O menino acaba sendo escorraçado pelo Coroné, pai da mocinha, e se perde no meio do mato. Cabe ao saci e seu amigo curupira encontrarem o “moleque orelhudo” para evitar que uma brincadeira acabe pior do que deveria.

Ao longo de 2016, o gérmen de diversas outras histórias foram surgindo no estúdio de OdoBERTO, o HQ 360. Algumas delas o autor compartilha nas revistas **Ideias Folclóricas**, onde brinca com uma série de conceitos diferentes, mas mantendo alguma essência do mito.

E se tivéssemos um saci robô, com um propulsor a jato fazendo às vezes de redemoinho?



OdoBERTO fez. E um guerreiro com armadura mágica e poderes inspirados nos mitos brasileiros? Ou uma fusão entre saci e curupira? Todas criações de OdoBERTO.

O trabalho, no entanto, no entanto, não se restringe a conceitos. Desde o ano passado, o autor está produzindo uma história sobre a história do Saci Lendário (à esquerda), cuja sinopse ainda não pode revelar.

Além das outras tantas versões de sacis que já criou para Folclorianos, recentemente o ilustrador se envolveu também com um outro projeto: o cardgame **Jornada - Histórias e Lendas**, do paraense Michel Montenegro.

Para o jogo, já disponível para testes online na versão beta, OdoBERTO criou nada menos do que sete sacis diferentes! Diferente de seus projetos pessoais, no entanto, onde a criatividade corre solta, a criação foi inspirada em registros bibliográficos sobre as mais diferentes versões. Na próxima página você confere cada um deles, ao lado de uma breve descrição.

O Saci Lendário de OdoBERTO Lino. Qual história nos aguarda?



Saci Sacerê



Saci capaz de andar na água sem se molhar. Odoberto o fez ligado ao elemento aquático, diferente do fogo e do vento dos demais.

Saci Teterê



Saci com o poder de seduzir as mulheres. Vive nu, ostenta uma barbicha de bode e traz sempre a língua de fora.

Saci Saçurá



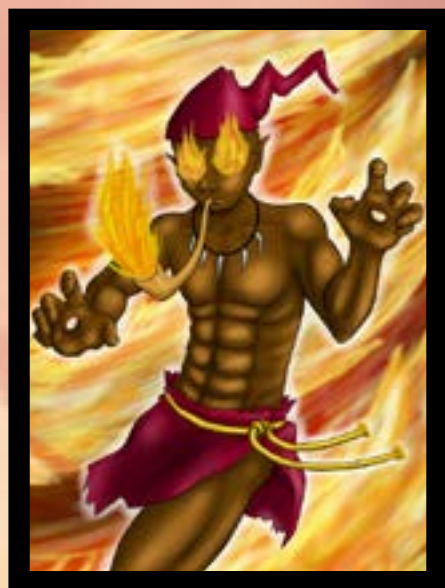
Saci malvado, com os olhos vermelhos. Está sempre maltratando os bichos. Odoberto o fez mais para um capetinha.

Saci Trique



Sempre que se escuta um “trique” no mato, é sinal que está por perto. Não é malvado, apenas um menino que apronta bastante.

Saci Poá



Saci ligado ao elemento fogo, com os olhos sempre em chamas. Odoberto o fez tendo o cachimbo como catalizador de sua magia.

Saci Pererê



O mais conhecido saci do Brasil, tem apenas a perna direita, anda sempre em redemoinho e tem no gorro a fonte de seu poder.

Saci Taterê



Saci brincalhão, cara de menino e cor de formiga. Anda sempre de camisa.





Parque Estadual Serra do Mar
Foto: Aline Rezende

ORELHAS DE PAU

Andriolli Costa

“*Polyporus sanguineus*”. É assim que as convenções científicas conhecem a espécie de fungo que cresce no tronco das árvores. O povo, que é muito mais íntimo, não reconhece esse nome de RG, não. Vão logo botando apelido.

Esse tal de *Polyporus* virou Orelha de Pau, ou Uru-pês, como dizem por São Paulo. Lá no interior do Paraná, como conta a leitora Rossiley Ponzilacqua, tem até um nome mais pesado: é Orelha do Diabo.

O que o dicionário sabe das orelhas de pau é sua função. Dizem que o fungo é um decompositor da natureza, e sua presença indica que a árvore já está comprometida. Na natureza nada se cria, tudo se transforma, não é verdade? A árvore se vai e alimenta o fungo.

O que faltou dizer é que o fungo não indica só a morte da árvore. É um índice da passagem do saci pelas nossas bandas. Dizem que depois de aprontar por 77 anos pelo nosso mundo, o saci finalmente

morre de velhice. E quando morre, vira a própria orelha de pau.

Interessante é que nessa passagem o saci não morre por inteiro. Afinal, o fungo é também um ser vivo. No imaginário nada se cria, tudo se transforma. O pererê deixa rastros concretos de sua passagem, alimentando-se da crença tanto quanto da matéria orgânica.

Em janeiro de 2015, eu passava pelo centro de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul e notei que todas as árvores estavam cheias de orelhas de pau. “É um cemitério de sacis”, pensei sem tristeza. Esses já cumpriram sua missão, encantaram a nossa vida. Mas onde estão os vivos?

Comecei o **Colecionador de Sacis** para encontrar esses pernetas que ainda saltitam pela terra. Para que mais gente possa ver esses sacis pelo nosso dia a dia, e não só quando já passaram desta para a melhor. A vida deve ser encantada, e o saci é nosso guia pelo encantamento.



Imaginei o saci se fosse vivo e vivendo no Brasil de hoje. Quis fazer uma crítica a nossa educação, nossa assistência aos deficientes físicos sem oportunidade de trabalho e dependentes químico, que muitas vezes são vítimas da solidão e desamparo social.
- Fábio Vido

Fábio Vido



Artes de Tupã Mirim - O Pequeno Guerreiro. Livro de Olívio Jekupé, com ilustrações de Taísa Borges

SACI, PROTETOR DA FLORESTA

Olívio Jekupé

Na cultura Guarani temos um personagem que se chama Jaxy Jaterê. Esse personagem segue a imagem indígena também, ele é o protetor da floresta e não gosta que as pessoas fiquem matando os animais por brincadeira. É um índio que tem duas pernas e usa um colar que lhe dá poder para fazer o que quer, ou ficar invisível se for o caso.

Ele também ajuda as pessoas quando gritam seu nome na floresta. Muitas vezes podemos ir na floresta pedir alguma coisa, mas tem que ser a noite e ele gosta que ao ir levem um pedaço de pety (fumo de corda), e gosta muito de pitar, por isso tem sempre um (petygua) cachimbo em sua mão. Mas tem que ser pedido sério, não coisa para enriquecer. Uma vez contei essa história na cidade para as pessoas e aí uma veio me falar se poderia pedir para ganhar na Tele Sena. Que doideira, claro que não. Ele existe não é para isso. Ajuda de outras formas.

Por isso nós na tekoe (aldeia) falamos do Jaterê, não do Pererê. Na língua Guarani, inclusive, Pererê é um palavrão, quer dizer peidorreiro. Nós temos o costume de ensinar as crianças sobre esse personagem Jaxy Jaterê e que faz parte da nossa tradição. O que ensinamos não é um folclore, é

uma história verdadeira, um personagem que nós acreditamos muito e por isso é que temos que continuar ensinado nossas crianças, assim como acontece com os não-indígenas. Como exemplo tem os católicos, acreditam em Nossa Senhora, por isso fica chato se eu falar que isso é um folclore, porque os católicos acreditam e se algo faz parte de uma crença, então, é verdadeiro, e não folclore.

Aqui no Brasil falam do saci negrinho de uma perna. Sei que esse personagem veio com as crenças africanas e na verdade também é o protetor da floresta lá, e como veio junto nas crenças, os negros usaram o nome indígena para proteger o nome africano. Por isso pegou o nome Guarani, Jaxy Jaterê para falar desse personagem. Mas pronunciaram errado e o nome Jaxy foi pronunciado Saci. Tudo bem, erro de palavras.

No Paraguai, por exemplo, todos falam Guarani. Tanto os índios quanto os não índios. E se você chegar lá, falar do nome Jaxy Jaterê, todos irão falar sobre ele. É que esse conhecimento indígena é comum por lá. Se for falar do negrinho de uma perna, conhecido como Saci, eles não irão falar porque não é comum. Mas é comum aqui no Brasil.

Como eu sou escritor, gosto muito de escrever sobre esse personagem da cultura Guarani, o Jaxy Jaterê, e tenho um livro chamado **Ajuda do Saci**. É um livro que escrevi para mostrar um pouco desse personagem tão importante na nossa crença. Quem ler poderá ver um Saci indígena. Também tenho um livro que se chama **O Presente de Jaxy Jaterê**, em que conto a história de uma índia que quer pedir ajuda ao Jaxy Jaterê, fica com medo, mas resolve numa noite ir lá, leva fumo e fica na esperança de que ele ajude.

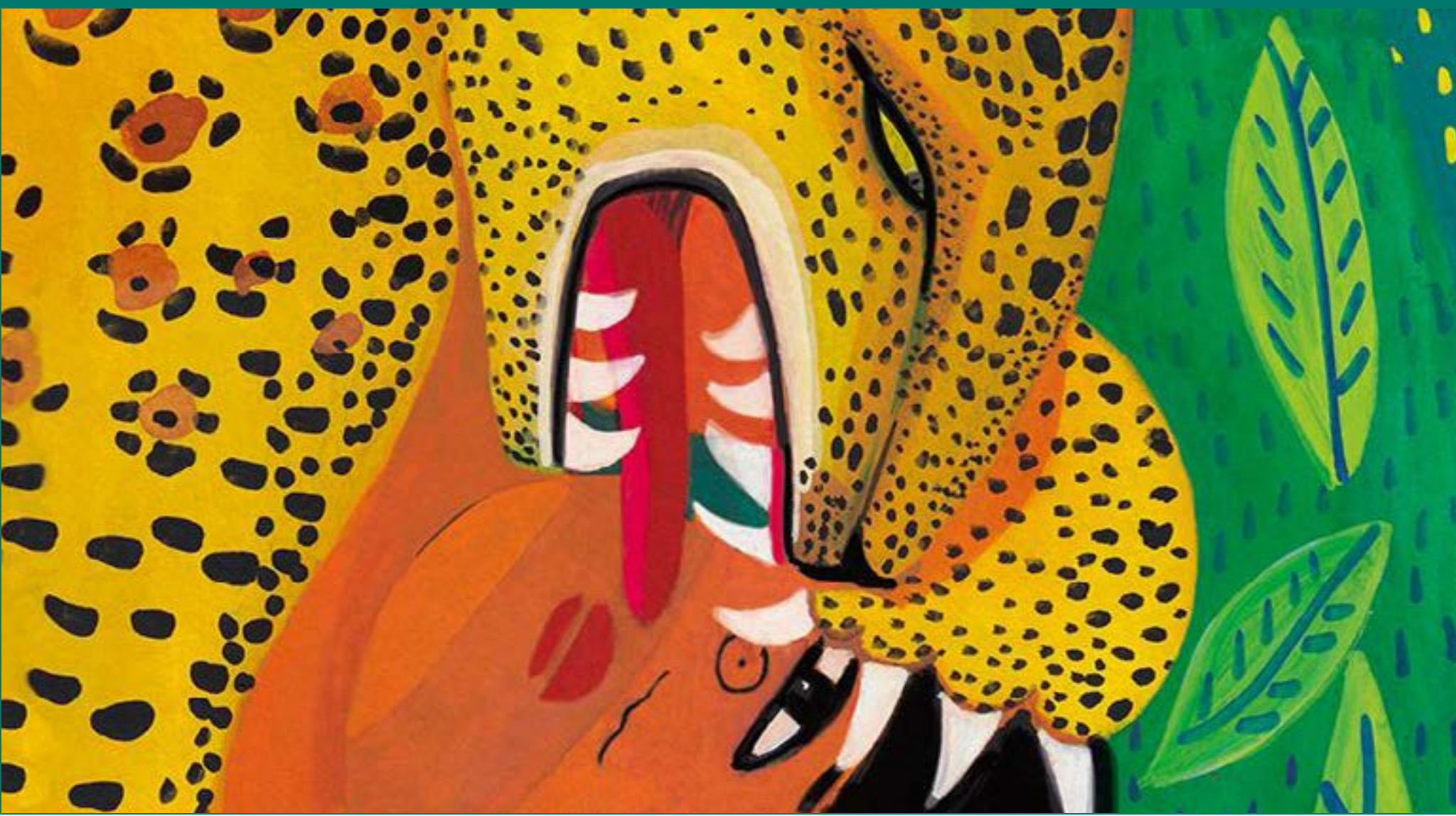
Tenho outro livro também com outro título. **Tupã Mirim - O pequeno guerreiro** vai contar a história de um kurumim que nasce com um braço apenas. Ele cresce com vergonha de não ter um dos braços, mas resolve pedir ajuda ao Jaxy Jaterê. Nisso o garoto será ajudado por ele onde irá dar um braço invisível e que terá uma nova vida, mas sem poder contar aos outros. E os outros da aldeia ficam assustados por como ele pode fazer tudo aquilo.

Pretendo escrever, mais outros trabalhos sobre, porque temos que continuar acreditando nele e nossas crianças também. Como hoje temos escolas nas aldeias do Brasil é bom porque podemos continuar contando e ao mesmo tempo registrando essas histórias sobre ele, inclusive os jurua kuery (não-índios).

Na verdade cada povo tem uma crença num protetor da floresta. Nós Guarani acreditamos nesse personagem que tem o nome de Jaxy Jaterê, e outras etnias indígenas tem a mesma crença num protetor da floresta, mas na língua deles, com outro nome. Já no mundo africano acredito que seja assim também, por isso o negrinho de uma perna como é ensinado, é o protetor da floresta também. Na Ásia acredito que tem povos também que acreditam num protetor da floresta, mas na língua deles como nomes diferentes e a visão de como é do jeito deles. Por isso se temos uma imagem, a nossa crença fica do jeito que acreditamos desde os ensinamentos dos antigos.

Por isso é importante que as pessoas aprendam essas duas histórias. Que saibam sobre o Saci negrinho de uma perna, contada até os dias de hoje, mas que conheçam o nosso também. Os dois são importantes e isso faz com que nós indígenas e os negros sejam valorizado através das histórias que são contadas.

Olivio Jekupé é escritor, poeta e palestrante, morador da aldeia Krukutu, uma comunidade Guarani em São Paulo.



SACI NOS QUADRINHOS

Um breve percurso pelas várias personificações do duende brasileiro nos quadrinhos nacionais

Andriolli Costa

Se Monteiro Lobato (re)apresentou o saci para muitos brasileiros na primeira metade do século XX, o pernetá teve um outro pai bastante importante na metade seguinte: Ziraldo. Lançada em 1959, a **Turma do Pererê** foi a primeira revista em quadrinhos nacional totalmente colorida publicada no país. Mas as cores realmente brasileiras não estavam na gráfica, mas no texto.

“O Pererê decidiu que seria uma revista muito brasileira. Ela nasceu junto com o cinema novo, a poesia concreta, o teatro nas ruas, a poesia processo, a bossa nova”, conta Ziraldo no prefácio de *Todo Pererê*, publicado em 2002 pela editora Salamandra. Além do esperto personagem título, a história contava ainda com personagens bastante conhecidos dos contos populares brasileiros: a onça, o tatu, o jabuti, a boneca de piche e, é claro, o indiozinho Tininim.

A revista acabou em abril de 1964, pouco após o Golpe Militar que instaurou a ditadura no Brasil. Era muito comunista para os padrões da época. Deixou um vácuo de histórias em quadrinhos com sacis preenchida principalmente por zines e publicações independentes, mas pouca coisa duradoura. Foi em uma dessas revistas, a *Heróis*

em Evidência, que Hélio Guedes publicou a primeira história dos **Seres da Mata**.

O saci de Hélio é totalmente estilizado, quase alienígena. Sem boca ou nariz aparente, chama atenção pelos grandes olhos amarelos sem pupilas. A carapuça vermelha parece quase unida ao corpo, e se destaca junto aos braceletes e a tornozeleira da mesma cor. Junto aos seus primos, Curupira e Romãozinho, o trio já enfrentou caçadores, alienígenas e até mesmo uma versão do Superman. As histórias atualmente estão sendo republicadas sem periodicidade no site [Mundo Brasil HQ](#).



Na mesma década, em 1995, o quadrinista Altemar Domingos cria **Jaguara**. A história, publicada em livro 10 anos depois pela Via Lettera, conta a história de uma índia que deve passar por uma prova para se tornar líder da tribo dos Krenakores. Para tanto, enfrenta o terrível Jurupari e seus servos malvados, entre eles o Saci Ayba. Capaz de se transformar no que quiser, este saci é praticamente um sim-bionte das histórias do Homem-Aranha.

Tentativas de criar um saci super-herói existiram várias. **O Guerreiro Vermelho**, criado pelo Sport Club Internacional de Porto Alegre, em referência ao mascote do time chegou a ter duas edições na HQ Saci, Escurinho & Cia. Era um saci guerreiro, com perna mecânica e a carapuça fazendo as vezes de gorro para esconder sua identidade. O roteiro era de Thedy Corrêa, vocalista da banda Nenhum de Nós, e a arte de Geraldo Borges.



O Saci Ayba, de Jaguara.
Por Altemar Domingos

Há ainda as histórias que por um motivo ou outro ainda não foram efetivamente publicadas, mas cuja promessa é logo ver a luz do sol. É o caso de **Vento Ventania**, de Lancelott Martins, o criador da página [HQ Quadrinhos](#). Ventania é um saci que escapou do mundo mágico e veio até nosso mundo, sofrendo por isso a penalidade das leis do Tribunal de Sacis. A entidade possui duas pernas, mas como se locomove por um redemoinho passa a impressão de ter uma perna só. Como o ilustrador Bruno Lima está muito envolvido com projetos para o exterior, o prazo para a publicação da HQ ainda permanece indefinido.

Outro projeto que tentou vez tentou encontrar seu lugar ao sol com a ajuda do crowdfunding foi o mangá **Caçadores de Montros**, de Paulo Gutemberg (o Wildwing) e Richardy Henrique. Na história, que lembra um pouco Yu Yu Hakusho, Douglas é um adolescente de 16 anos que acaba libertando terríveis criaturas aprisionadas no nosso mundo. Ao tentar recaptura-las, morre no processo e se torna um ser meio homem, meio fantasma. Seus parceiros são Nathan, com quem cria uma equipe de caçadores, e o próprio Saci Pererê.

O universo dos mangás brasileiros possuem diversos sacis. Em **Chico Bento Moço** ele fez suas aparições, guiando o jovem em seu caminho para a cidade grande. Há também os sacis em **Folclóricos** de Odoberto Lino - já mencionado aqui neste

especial. Existem vários sacis na obra de Odoberto, que vão do tradicional - amigo e parceiro do Curupira na proteção da mata, até os sacis espirituais, demoníacos e lendários. Um de seus sacis canibais possui a perna atrofiada pendente na cintura, e dentes serrilhados com os quais se alimenta de carne humana.

Há ainda o saci de **Cruel**, mangá criado por Allan Ruy em 2010 e indo para sua décima edição. Num cenário que mescla Brasil e Japão, Sorato liberta um demônio da garrafa que acaba lhe entrando garganta abaixo, cometendo uma série de atrocidades enquanto o garoto dorme. Um dos servos do demônio que acaba despertando junto é o Saci, que nesta versão era um escravo que teve sua perna arrancada por um capitão do mato e jurou servido ao diabo em troca de poderes.

Outra obra com certa influência do mangá é a HQ **Folks**, de Fábio Dino, uma webcomic que estreou em 2011 e ao longo de dois anos lançou cinco edições. A antagonista imediata da história é a Kuca. Ou melhor dizendo, Kety Uchoa Catheirne Arruda. Uma mega-empresária e feiticeira de sucesso, que realiza magias graças aos aplicativos de seu celular. Para derrotá-la, Negrinho do Pastoreio, Iara e Curupira se unem ao Saci, um grande lutador que se fazia de mendigo nas ruas de São Paulo.

Não podemos esquecer ainda de **Salomão Ventura**, caçador de lendas. A criação de Giorgio Galli publicada em 2010 acompanha o misterioso Salomão, que persegue assombrações que compreendemos como lendas. O saci, antagonista da primeira HQ do personagem, era um menino morto pelo padrasto bêbado a golpes de machado que retorna como um espírito da vingança. Este saci não usa carapuça, mas tem o topo da cabeça eternamente em chamas.

Grande parte destas HQs estão disponíveis em ordem sistemática na plataforma **Social Comics**, uma grande oportunidade de circulação da obra independente. Esperamos muito mais histórias de saci este ano para circular pela rede!



Caçadores de Monstros,
por Richardy Henrique



HQ Vento Ventania, de Lance-
lott Martins. Arte: Bruno Lima





“O saci que eu idealizei vinha para o mundo a partir da fumaça das queimadas. Ele não é mau, só segue sua natureza”.

Mil Araújo, o criador da página Mil Mameluco - Folclore Brasileiro

ALERGIA À VENTANIA

Lucas Baldo Fraga

Meados de 2003. Na época eu, com 13 anos, já esboçava a curiosidade por ouvir e, também, por escrever histórias. Morador de Rio das Pedras, uma cidade com pouco mais de 29 mil habitantes, no interior de São Paulo, muito frequentei círculos de amizades com pessoas mais velhas acompanhado de meu tio, fiel passarinho e pescador.

Em uma manhã de domingo, como já vinha sendo costume para nós, meu tio e eu fomos até a casa de um de seus amigos. Lá, uma turma da terceira idade se reunia na calçada. Bebiam pinga com limão e jogavam conversa fora ao som de Belmonte & Amaraí.

Entre eles estava Badú. Era um senhor de mais ou menos 60 anos, cabelos brancos - porém, somente na parte de trás e nas laterais da cabeça. Ostentava grandes costeletas (no melhor estilo Erasmo Carlos) e pesadas sobrelanceiras. Narigudão, cara vermelha - mais vermelha ainda por conta do efeito da pinga -, e fumava um cigarro atrás do outro. Era sério, difícil fazer piadinhas. Dentre todos ali, era o qual mais me passava seriedade. E foi da boca de Badú que ouvi um caso sobre o Saci que até hoje é o que mais me intriga.

A prosa do momento era sobre pescaria. Falavam que em tal local estaria “pegando bem”. Dicas de isca daqui, sugestões de como chegar dali... e assim o papo corria. E correu até o assunto sobre pescaria de bagres (já que o tempo andou chuvoso durante a semana e era propício a esse tipo de pesca). No vácuo do assunto, um dos senhores ali presente, de pronta batida, sugere:

- “Pá bagre deve tá bão lá na cascatinha do Monte Belo”.

Monte Belo fica na área rural da cidade. Um composto de lagos e mata. De encanto ímpar, o local citado trata-se de uma pequena cascata que recebe água de um lago bem próximo. Explicando de uma forma simples, seria: Uma estrada de terra. De um lado, o lago com uma margem exposta e rodeado por árvores. Do outro, a cascata com um pequeno lago - de aproximadamente 4 metros de diâmetro -, cercada por um bambuzal denso.

Porém, antes de qualquer palavra entusiasmada ser entoada por alguém - querendo marcar uma pescaria ali, por exemplo -, Badú toma a frente e exclama:

- “Rapai! Fiquei sabendo dum acontecido nessa cascata que vô falá pro cê... Coisa feia, feia, feia!”. Nisso, todos se emudeceram e voltaram o olhar para Badú, como se estivessem pedindo: “Então conte logo!”.

E Badú - parecendo já entender o sinal da empolgação dos presentes -, prossegue:

- “Esses dias um rapai me contô sobre um acontecido nessa cascata. Nô tava falando de pescá bagre, também... Mema coisa de agora... Daí ele meio que rodeou, rodeou... Como se num quisesse falá e tar.” Explicava.

Um dos senhores que acompanhava a conversa palpita ansiosamente:

- “Mataro gente lá?”

Badú arremata - cerrando os olhos e abaixando o tom de voz:

- “Que nada... coisa de Saci.”

Nisso minha atenção - que andava um pouco dispersa devido ao canto de um azulão -, voltou-se totalmente ao assunto. “Saci?!” Pensei, achando certa graça da situação.

Porém, reparei que todos os senhores que acompanhavam a conversa mantiveram o semblante sério. Demonstravam ainda mais curiosidade e, também, um certo receio ou talvez certo respeito perante aquilo. Percebi que não seria uma história cômica - como pré-moldei de início.

Badú prosseguia:

- “Ele me disse que um conhecido dele comentô que queria i lá pescá. E bem no finar de semana era lua cheia. Aí o rapai, pro conhecido dele: Ói, mió esperá, viu. A turma vira e mexe fala que ali no bambu aparece saci na noite de lua cheia. Num foi um, ainda. Foi mai de um que já me falô...” Interpretava, gesticulando com as mãos.

E continuou:

- “Aí ele me disse que o rapai num botava fé no que ele tava falano. Lidô, lidô um monte com ele e nada. O rapai até tirô sarro, dizem que se aparecesse ele topava co bicho, que enfrentava o Saci... Bão, aí ele num falô mai nada. Dexô queto. Num tentô mai convencê o rapai.” Contou e esboçou uma pausa, pra dar um gole na pinga e acender um cigarro.

Nisso, todos ali (inclusive eu), entretidos na

história, indagaram quase que de forma simultânea: “E o que aconteceu?”. “Apareceu, mesmo?”. Badú solta a fumaça de um trago - segurando o cigarro com a brasa pro lado de dentro da mão -, e continua:

- “Se apareceu?! Escute só... Disse que o rapai foi... à noite. Acendeu um lampião, jeitô as vara tudo certinho, rumô um lugar bão pá sentá... E começô pegá, rapai. Disse que era um atraí do outro. Graúdo! E ficô nisso aí por uns 20 minuto. Pegô bem dizê uns 30... Dalí um poco disse que começô levantá uma ventania no meio daquele bambuzá, rapai! Disse que o vento girava lá dentro que chegava a subiá! Malemá ele conseguia abri o zóio, de tanta poeira que levantô.” Contava empolgado e com um semblante sério.

Nisso, eu com a atenção totalmente focada na história e já imaginando a cena perfeitamente, pensava comigo mesmo: “Caramba! E não é que apareceu mesmo?” incrédulo.

E Badú finalizava:

- “Aí, rapai, ele de zóio fechado, tudo as vara voanu pá dentro d’água, lampião quebrano, aquele barui do vento que chegava arrepiá de medo... E num é que o rapai disse que começo a senti umas pancada? Disse que parecia chinela-da, rapai. O vento vinha nele e dava: Pei! Era na costa, na cabeça, nas perna... Ói, rapai. O home fez que fez, lidô que lidô até que conseguiu saí do meio da ventania e correu pra fora do bambu. Aí a hora que caiu na estrada, muntô no carro e saiu num carrerão que largô tudo pá trái. Quis nem sabê mai de nada... Daí quando chegô em casa, cendeu a luiz e oiô no corpo... era só vergão vermeio que tinha ficado pô corpo.” Finalizou, limpando a saliva no canto da boca e com a voz ofegante, após contar a história com tremenda empolgação.

Finalizada a história, o tempo passou mais um pouco e os comentários sobre o causo do Saci foram, pouco a pouco, sendo deixados de lado para dar lugar aos comentários sobre passarinho. Meu tio e eu ficamos por ali mais um pouco e resolvemos ir embora. Pegamos a nossa gaiola, montamos no fusca verde água, nos despedimos da turma, ligamos o som com a fita de Tonico & Tinoco e partimos rumo pra casa.

No caminho, eu obviamente pensando a todo tempo na história do Saci, indaguei meu tio - meio com vergonha por não querer demonstrar estar preocupado:

- “Por acaso nós já fomos pescar nesse lugar aí que apareceu o Saci?” Falei meio rápido, me atrapalhando nas palavras, com vergonha.

Ele, olhando pelo retrovisor (porque o fusca não tinha o banco da frente - para o assoalho servir de espaço para o transporte da gaiola -, e o passageiro necessariamente tinha que se sentar no banco de trás) dá uma risada que chega a deixar o rosto vermelho e diz:

- “Umas par de vei! Mai num chegemo a topá co Saci, né, Luca? Se quisé vortá lá numa lua cheia à noite...” E continuava a rir.

Eu, em contrapartida - percebendo o sarro que ele começou a tirar de mim -, dei um sorriso amarelo e soltei, como um mestre fajuto na arte do ilusionismo:

- “De quem era aquele canário que estava lá hoje? Bom, hein!” Tentando mudar pifamente o assunto.

Cheguei a pensar em provar minha valentia e sugerir para irmos à cascata em uma noite de lua cheia. Mas... E se meu tio realmente topasse a ideia, né?

Não tenho medo, não. Até teria vontade de ir. Mas, infelizmente, sou alérgico à ventania.



Lucas Fraga é designer gráfico de Rio das Pedras/SP

VILSON GONÇALVES

Itaybotira ouviu atentamente o que parecia ser o farfalhar dos ramos altos. À medida que o ruído se avolumava, calando os gritos dos macacos e os trinados dos pássaros, ela percebeu que não eram as folhas que impunham seu som: eram risadas.

A guerreira estremeceu. Por valente que fosse, estava só entre árvores. A floresta, um anel de existência bela e selvagem para além das casas e

dos campos de cultivo, era o reino dos animais e dos espíritos.

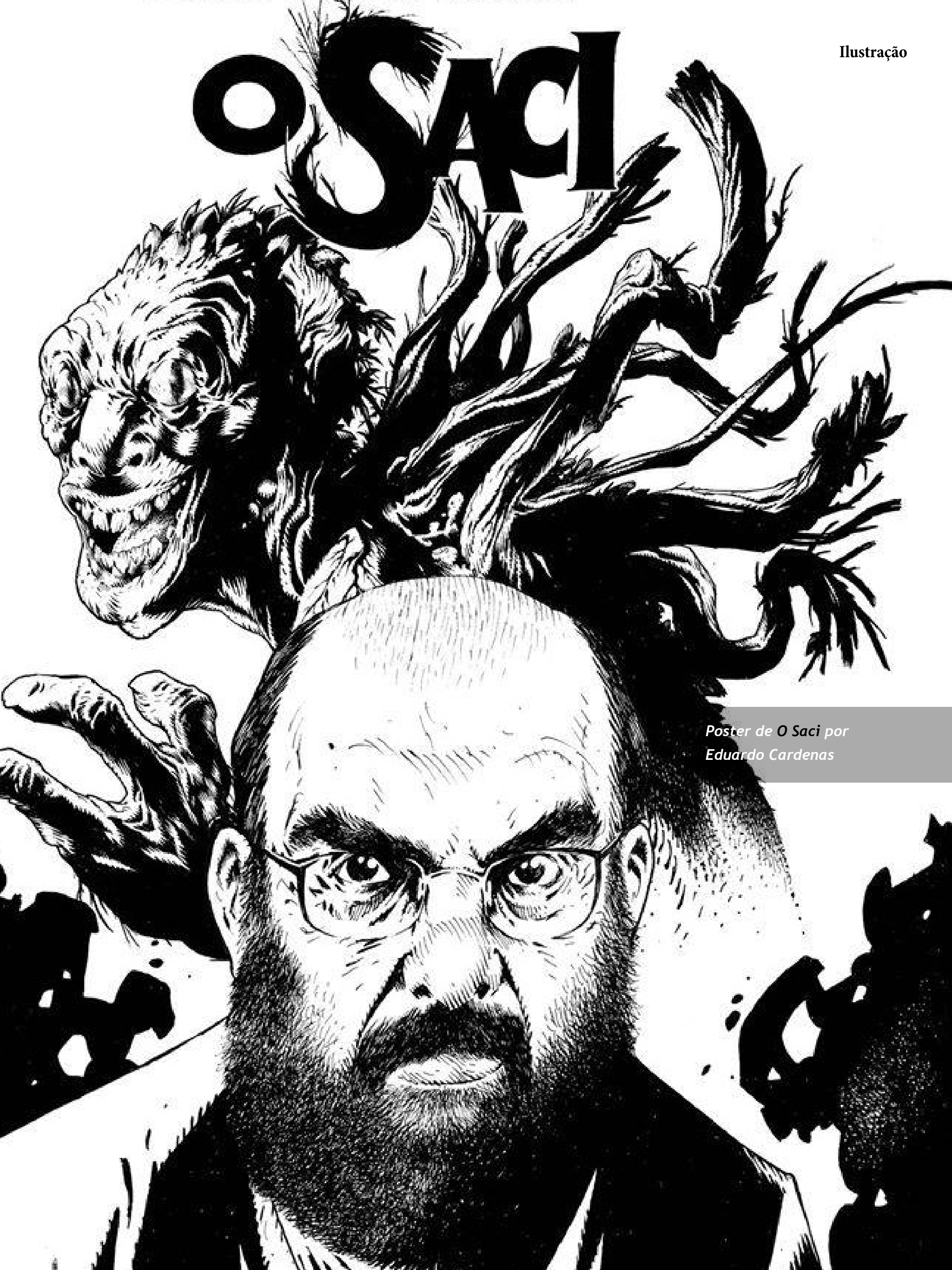
Os triques saltaram dos ramos e correram em sua direção, empestando o ar com o odor de fumo e enxofre. Suas articulações estalavam e arranhavam; suas almas ardiam.

Itaybotira girou o tacape com toda a força, enchendo o ar de labaredas e lascas enegrecidas.

Miniconto no universo da série ***A Canção de Quatro cantos***. Texto e arte por Vilson Gonçalves.



O Saci



*Poster de O Saci por
Eduardo Cardenas*



Foto: Rafa Chlum

SACI NO AUDIOVISUAL

Seja para a TV, para o cinema ou para a internet, o perneta encontra cada vez mais espaço nas telas brasileiras

Em 1951, foi ao ar a primeira adaptação para o audiovisual de O Saci, de Monteiro Lobato. De lá para cá, o perneta encontrou espaço nas telinhas e telonas principalmente com as várias adaptações do Sítio do Picapau Amarelo, sendo as clássicas de 1952, 1964, 1967 e 1977, e fase “atual” tendo começado com a série da Globo em 2001 e com o desenho animado exibido na Globo e no Cartoon Network desde 2012.

Enquanto as imagens do Sítio permanecem dominantes, aos poucos vem surgindo diversas outras versões audiovisuais que tentam reimaginar - ou até mesmo desconstruir - o duende brasileiro. Produções dos mais diversos gêneros, do documentário ao drama, do filme de ação ao terror. Vamos conhecer algumas delas nas próximas páginas.

Para os próximos anos, a tendência é que surjam cada vez mais histórias autorais envolvendo folclore. Afinal, a produção de conteúdo está cada vez mais democrática graças à facilidade de acesso e distribuição do material.

Produções como a websérie Imaginário, de Bruno Esposti, e Caçada nas Horas Mortas, de Sander Silva, são exemplos de criações originais feitas pensando nesta linguagem web.

Andriolli Costa

O Garoto de uma Perna Só (2016)

Dir: Bruno Esposti



Episódio da websérie Imaginário, produzida especialmente para o Youtube. Um casal de nômades tenta escapar de uma criatura que os persegue pela mata. É o saci, que nesta versão era filho de escrava feiticeira, carregando magia no sangue. O ser foge para a floresta após ser preso e mutilado pelo seu senhor, onde até hoje persegue quem invade seu território.

Caçada nas Horas Mortas - Saci Pererê (2016)

Dir: G. Sander Silva



Nesta versão, carregada em uma visão cristã do mito, o Saci é um poderoso demônio que mesmo preso acaba matando um caçador de criaturas. Cabe ao seu irmão assumir seu lugar e derrotar o ser maligno e vingar sua família. Este é o primeiro episódio da série Caçada nas Horas Mortas. A curiosidade é que Sander Silva, o diretor, interpreta todos os personagens, inclusive os monstros.

O Colecionador de Sacis (2016)

Dir: Andriolli Costa, Magnum Borini



Mário Sbardelotto é um homem de meia idade que vive sozinho com uma coleção de garrafas. Cada uma delas, garante, contém um saci diferente. Quando a mais antiga delas cai e quebra, Mário tem certeza de que o diabinho está solto pela casa e fará de tudo para capturá-lo outra vez - inclusive pedir ajuda ao Negrinho do Pastoreio. Curta produzido em uma oficina de cinema.

O Selvagem (2016)

Dir: Lucas Piaceski



Produzido para como trabalho de uma universidade americana, O Selvagem, segundo o diretor, é uma história sobre escolher entre vida ou morte, bem ou mal, selvagem ou civilizado. Enquanto procurava por água, um caçador solitário entra na floresta e se depara com uma misteriosa criatura negra. Este confronto entre duas distintas culturas pode levar a consequências irreparáveis.

Sem Fim (2014)

Dir: Fábio Flecha



O que aconteceria se um vampiro, um personagem famoso das telas do cinema mundial, encontrasse pela frente um Saci, o mais conhecido personagem do folclore brasileiro? O resultado é Sem Fim, cujo título é inspirado em uma espécie de Saci que é dita como sendo o pior deles. De duas pernas, Sem Fim costuma dar surra de vara em quem não o obedece. Coitado do vampiro!

Fábulas Negras - O Saci (2014)

Dir: José Mojica Marins



Um homem despreza o conselho de Pai Pedro de respeitar o povo da mata e entra no bambuzal à noite, por conta própria. Tal arrogância desperta o saci, que passa a perseguir não só a ele, mas também a mulher pela qual é apaixonado. O resultado é o enloquecimento dos pobres envolvidos. Curta que faz parte do longa Fábulas Negras, de Rodrigo Aragão.

SACI ANIMADO

Do infantil ao adulto, o saci transcende gêneros

Andriolli Costa

Humberto Avelar, que hoje dirige a animação do Sítio do Picapau Amarelo, produziu em 2003 pela Multirio uma série muito importante para a divulgação do folclore brasileiro: a **Juro que Vi**. Com acabamento impecável, narração de artistas famosos e uma estética que privilegia mostrar do que descrever em palavras, a série convida à imaginação.

O **Saci**, a última das animações da série, feita em 2009, mostra o duende brasileiro ensinando uma importante lição para um amargurado fazendeiro: sempre é tempo de recomeçar, de dar valor ao que é realmente importante, de manter vivo nosso espírito de criança.

Renato Leônico produziu o curta **Somos todos Saci** (2012) no curso de animação da escola de cinema Méliès. Com pouco mais de um minuto, a história mostra os embates do saci para entrar no paraíso dos mitos antigos. A grande diversão no curta são os créditos finais, que mostram o duende brasileiro trançando o cabelo de Thor, enganando a Medusa, debochando de Anubis.

Em 2016, o ilustrador Romont Willy criou uma série em seu canal do Youtube chamada **Histórias de Sacis**. A ideia é sempre trazer o pernetá em encontro com algum outro ser fantástico. Ao longo do ano, publicou dois vídeos: **A Lenda**, em que saci encontra uma lâmpada mágica e tem direito a três desejos; e **O Beijo**, onde dá de cara com a cabana da bruxa, enquanto ela prepara seu estoque de maçãs envenenadas. Torcemos por mais histórias em 2017!

Mas não são apenas nas animações infantis que o Pererê apronta das suas. Leonardo Prioli criou **O Saci e a Última Piada** como projeto de conclusão do curso de Design pela Unesp de Bauru em 2011. Como referências, relata que trouxe um pouco de expressionismo alemão, o western spaghetti e o cyberpunk japonês - especialmente para os cenários.

No filme, que começa com uma típica cena de “im-passe mexicano” dos filmes de faroeste, vemos o Lobisomem encanrando o Curupira. Não possuem mais a imponente forma de antes, são homens miseráveis perdidos em cenários urbanos. Curupira e lobo acusam-se mutualmente de coisas não assumidas pelo outro. Mas é tarde para a reconciliação. Resta apenas a luta. E a tudo o saci observa com requintes de crueldade e diversão



Saci, por Romont Willy





SACI REPÓRTER

*Documentários buscam capturar a essência do mito,
preservando histórias cheias de brasilidade*

Andriolli Costa

Volta e meia a mitologia brasileira desperta o interesse daqueles que querem investigar as relações materiais trazidas pelo mito. Documentários sobre folclore existem aos montes e o saci por vezes aparece em alguns. Destaco aqui a importância de dois filmes, o longa-metragem *Somos todos Sacys*, de Rudá K. Andrade, e o curta *Observadores de Saci*, de Issis Valenzuela.

Em *Somos todos Sacys* (2010), o mais completo trabalho audiovisual produzido na área, somos convidados a compreender a importância cultural do saci e o surgimento histórico da lenda.

O saci é apresentado como símbolo de resistência - como no caso dos escravos negros, que o usavam de desculpa para aliviar o sofrimento na senzala e assustar o branco. Saci como representante do deboche típico do brasileiro, que a tudo leva com humor. Saci, até mesmo, como intercessor divino.

Já em *Observadores de Saci* (2013), o jogo narrativo construído pela diretora se baseia na existência de duas entidades ligadas ao duende brasileiro: a Associação Nacional dos Criadores de Saci (ANCS), fundada na década de 1980 em Botucatu, e a Sociedade dos Observadores de Sacis, que surgiu nos anos 2000 em São Luis do Paraitinga.

O filme mostra a distinção entre a visão das duas entidades: enquanto José Oswaldo Guimarães, da ANCS) fala de um saci primata, que evoluiu biologicamente para o animalzinho que gera as lendas de hoje, Robson Moreira - então presidente da Sosaci - fala de um saci que vive no âmbito do imaginário.

“Me perguntam com que frequência eu vejo sacis”, relembra Robson. “Eu vejo sacis o tempo todo. Por que ver saci é um estado de espírito”, resume na frase mais importante do filme.

ACRÓSTICO DE UMA PERNA SÓ

Wallace Gomes

Sair a noite era mau conselho,
Assim contava a minha vó.
Com um cachimbo e gorro vermelho,
I num pé de vento, o negrinho de uma perna só!

Pelos tempos foi-se perdendo,
Estórias de sua excelência,
Rádios e televisores vem desfazendo,
Ê sumindo com a sua existência.
Relembremos sempre o velho negrinho,
E sua alma, a inocência!

Wallace Gomes é engenheiro florestal de Barbacena/MG

REDEMOINHO DO AMOR

Tânia Souza

Menina, entra na roda escuta meu cantar
Chego no chegar, te beijo pelo ar
Eu tenho um dom de certo valor
Mãe terra, mãe natureza tem tanta beleza,
Tem também um não sei o quê quê quê ô
Nem todos conseguem saber, uns nem podem crer
Olê olê... iê lê lê ô

Tem coisa pequenina que a gente não vê
Tão bonitinha magia florescer
Mais bonito que a pétala macia é o cinza do teu olhar
Da flor mais bonita o perfume chamou,
E da menina mais doce da vila
Saci se enamorou
Olê olê... iê lê lê ô

Eu bebo em sua pele e consumo sua alma e é sem pudor
Não sabe, menina, que é tão bom seu sabor,
Vem pra cá menina, vem sem medo, menina
Que é nossa rotina tecer toda cor
Tem samba de roda bem longe do chão
E isso é cousa de coração
Olê olê... iê lê lê ô

Tenho cachimbo encantado
Moleque nem sempre safado
Vem sem medo, menina
Vem dar um cadinho de seu calor
Quero beijo tão doce ao seu lado
Sou cria da terra, segredo revelado
Redemoinho do amor
Olê olê... iê lê lê ô

Tânia Souza é escritora de Mato Grosso do Sul

AGRADÁVEL SACI DA REPRESA BILLINGS

Ronaldo Clipper

Meu pai e eu conhecemos um saci em uma insólita pescaria, na Represa Billings em São Paulo. Parecia um menino, negro, com uma perna só, cachimbo na boca, carapuça vermelha, com um sorriso maroto e astuto. Como nós tínhamos cachaça de Salinas e um fuminho de Arapiraca o bicho ficou amigo nosso e até nos presenteou com uma carapuça, um cachimbo, que guardamos até hoje.

O nome desse saci era Porã e pertencia a família dos Pererês. Ele disse que foi criado junto com o universo. Disse também que conhecia varias partes d, pois, com seu redemoinho, ele conseguia furar o espaço-tempo e parar em qualquer canto do universo.

Porã era do tipo falador, gostava de contar vários causos. Ele contou que uma vez fantasiou-se de São Benedito para pregar uma peça em alguns devotos do Santo. Quando a igreja estava vazia, entrou uma senhora, de uns 60 anos, para fazer orações. A senhora ajoelhou no oratório com rezas pedindo saúde, proteção e prosperidade.

Em um momento da oração, a mulher fazia desse modo “Ó meu São Benedito! Quero pedir que não falte pão...” O saci Porã, aproveito a oportunidade, disse “Quer pão Beata, então toma!” e deu uma “pãozada” na cabeça da mulher. A mulher se assustou e quando olhou para a imagem do Santo viu o saci Porã e se assustou ainda mais, chegando a urinar na roupa. Assim que pregou a peça, o saci Porã usou seu redemoinho espaço-tempo e se escafedeu rindo.

Depois de rirmos juntos, perguntei ao saci Porã: se ele era proibido de entrar em igrejas, como é que ele fez para entrar nessa? Ele disse que isso é boato e que é muito querido por Deus e, além disso, por ele ter espírito infantil, tem livre acesso ao reino dos céus. Chegou a citar até Jesus “Deixai vir a mim as crianças, não as impeçais, pois o Reino dos céus pertence aos que se tornam semelhantes a elas”.

Esse saci era sincretista e tolerante passava por todas as religiões. Gostava muito da Umbanda, dizia que era um culto alegre. Passava horas trocando ideias com o Preto Velho, pois este sempre tinha um fumo de oferenda. O saci Porã Pererê contou muitos outros causos, mas deixa para uma próxima oportunidade. Fica a dica para quem gosta de pescar. É sempre bom levar um fuminho bom e uma cachaça pra esse danado, para ele não aprontar suas traquinagens. Além disso, pode ganhar um bom amigo.

Ronaldo Clipper é de São Paulo/SP



“Em Guerreiros Folclóricos, o Saci foi aprisionado. O conceito é a escravidão mesmo, por isso as correntes. Ele também usa um porrete para esmagar os crânios dos inimigos. Como Loki, transformei o saci num deus do caos”.
- Joe Santos



CHEFÃO DE FASE

Proketos de games planejam levar o saci para novas mídias

Andriolli Costaa

Tentativas de levar o folclore brasileiro para o mundo dos games estão volta a meia surgindo pela rede. Se a ideia de início logo capta a atenção dos usuários, não raro emperra na fase do desenvolvimento. Atualmente há três destas iniciativas em que o saci tem destaque: Mitos da Terra, Guerreiros Folclóricos e Kriaturaz.

O projeto inicialmente conhecido como Batalha de Mitos surgiu em dezembro de 2013, criado pela jovem empresa Alpha Centauri de Salvador, Bahia. Anos depois, sofreu uma grande reestruturação com a parceria com a Sinergia Games, que já produzia games inspirados na cultura afro-brasileira. Desta união surgiu o projeto **Mitos da Terra**, incorporando também os Orixás às criaturas tradicionais do folclore brasileiro.

A proposta cresceu bastante. Em entrevista ao EGW, Ramon Santos, gerente de projetos da Alpha-Centauri relatou que a empresa trabalhava simultaneamente em “um card game, um board game, um RPG e alguns minigames eletrônicos para dispositivos móveis”.

Contatado pelo Colecionador de Sacis, Ramon informou no entanto que o projeto está parado para

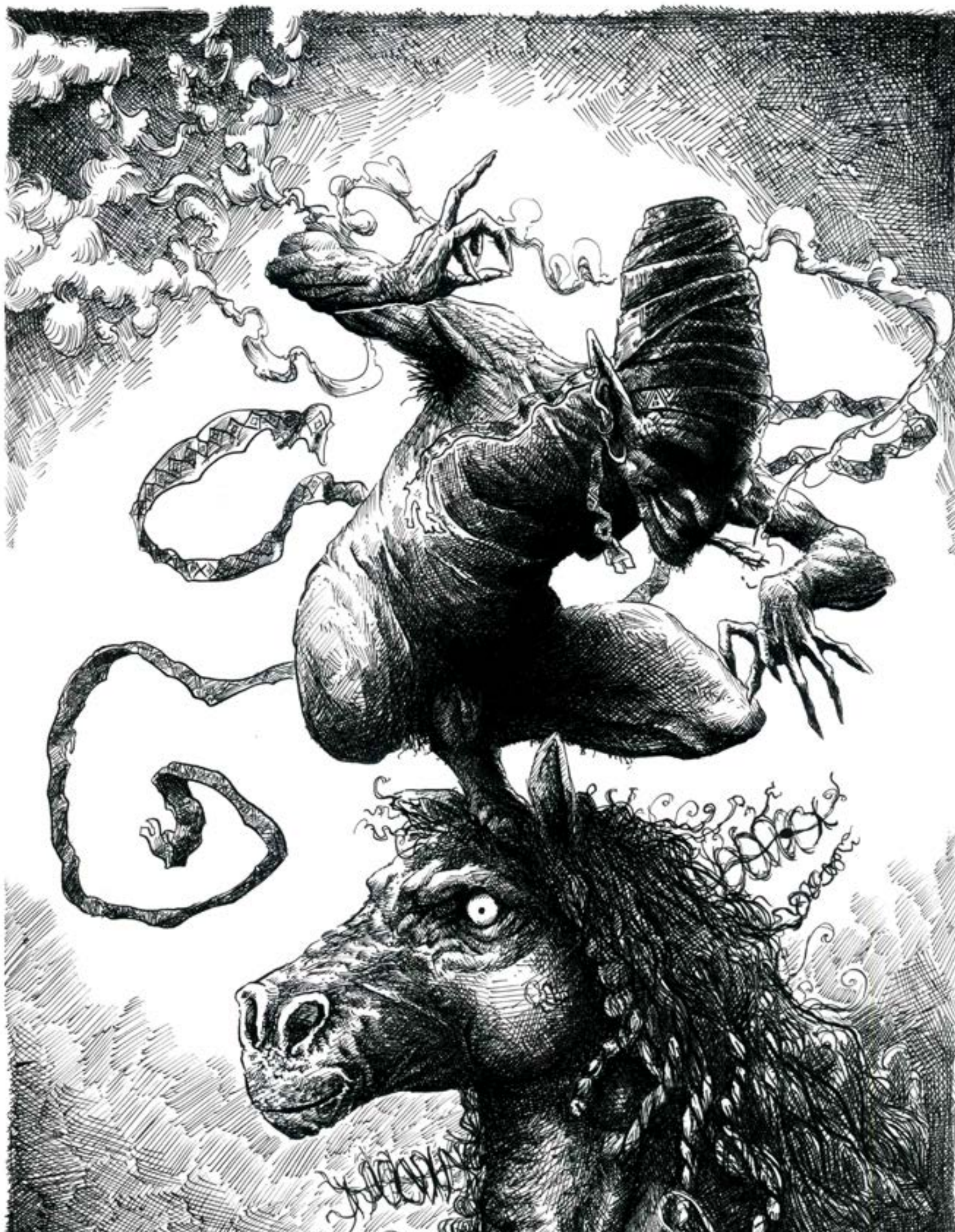
reestruturações internas e que não há qualquer previsão de encaminhamento para 2017. Uma pena.

Auspícios melhores parece ter outro game baiano. **Guerreiros Folclóricos**, criado por Joe Santos com apoio da Unique Entretenimento Digital. Tendo surgido como uma parceria com o Batalha de Mitos, o projeto buscou vida própria para contar a história da luta do índio Kambaí contra o Saci, comandante dos seres malignos que busca tomar a terra.

Guerreiros Folclóricos mira PCs e consoles e conta hoje com o apoio de 250 pessoas num sistema de financiamento coletivo mensal. Recentemente o projeto recebeu aceite para incubação em um parque tecnológico da Bahia, bem como a aprovação em um edital de fomento. “O Game está em produção, e este ano promete muitas novidades, nossa equipe está a todo vapor!”, celebra Joe.

Por sua vez, **KriaturaZ** é um projeto desenvolvido pela Messier Games, empresa de Santo André/SP fundada em 2015, inicialmente para dispositivos móveis. A proposta é que você possa criar e cuidar do seu mito, como um “bichinho virtual”. O jogo já foi lançado em versão beta para alguns usuários. Aguardamos boas novidades para este ano!

WALDEIR BRITO



STUART MARCELO

“O Saci é uma criatura com pele dura e resistente, como um tipo de madeira muito preta. Conta-se que, como guardião da floresta, certa vez teve sua perna arrancada e desde então usa essa mesma perna como bengala e como arma, espancando todo invasor que cause mal à sua casa. O alto da sua cabeça está sempre em chamas, motivo pelo qual sempre associam o fogo ao boné vermelho”





Capa do livro que foi publicado por Egídio Trambaiolli Neto em 2013. Arte: Adriano Vidal

ULISSES NO PAÍS DAS MARAVELHAS

Uma odisseia genuinamente brasileira

Egídio Trambaiolli Neto

Desde menino eu adorava ouvir histórias sobre sacis, diga-se de passagem, eu queria ter um amigo saci. Achava as traquinagens o máximo da molecagem. Obviamente, os demais personagens de nosso folclore acompanhavam as histórias em que o menino de uma perna só aprontava poucas e boas. Eles até poderiam aparecer no meu imaginário, mas o saci era presença garantida, folclore sem saci é o mesmo que sanduíche só com o pão.

O tempo passou, mas o saci nunca foi esquecido, até que depois de muitos e muitos anos, tive a ideia de “sacizar”, aprontar uma revolução em um conto que eu gosto muito: Alice no País das Maravilhas, cuja aparência nonsense na verdade é carregada de críticas sociais.

Coloquei tudo no tubo de ensaio do meu imaginário e criei Ulisses no País das Maravilhas, uma história também nonsense, mas emoldurada pelo folclore brasileiro e por elementos de nossa cultura, fauna, flora e contrastes sociais.

A primeira provocação foi dar um 360 na protagonista: no lugar de uma típica inglesinha, lourinha e de olhos azuis, um menino negro e brasileiro. O nome teria de ter sonoridade similar, por isso, Alice virou Ulisses.

Os personagens que comporiam a obra também deveriam sofrer essa guinada, dessa forma, o Dodô foi substituído por um dinossauro baiano que dança axé, os gêmeos Tweedledee e Tweedledum deram lugar a uma dupla caipira, o arganaz cedeu seu espaço para um tamanduá, os serviçais de uma das rainhas da história são bonecos de Olinda, os cavalos são mulas sem cabeça e o Chapeleiro Maluco foi trocado por um Costureiro abilolado, entre tantos outros personagens. Mas, a cereja do bolo, melhor dizendo, as cerejas dos bolos são os sacis serelepes, num total de sete, mais o rei dos sacis. Vamos conhecê-los?

Asdrúbal - é o líder dos sacis, ele vive fazendo nós malucos nas gravatas, reza a lenda que ele inventou o nó dado nas gravatas. Asdrúbal é um bom líder, dá bons conselhos e ensina as traquinagens como ninguém. Ele conseguiu ter o status de líder de uma forma bem democrática, depois que venceu o desafio da corda-bamba: ele teve de atravessar um desfiladeiro andando... melhor, saltando sobre uma corda-bamba. Como se pode ver, é bem democrático, vai quem quer!

Bartolomeu - campeão mundial de arrotos. Segundo informações não oficiais, o arroto com que ele

venceu o campeonato resultou em um tsunami que atravessou o Oceano Atlântico. Ele também foi responsabilizado por alguns terremotos de grandes proporções, por isso está proibido de tomar refrigerantes. Apesar de o arrote ser sua arma poderosa, ele também é conhecido por suas esculturas feitas em cera de ouvido, são fenomenais!

Casemiro - o saci inventor da turma, suas criações são espetaculares. Como exemplo, temos uma fabulosa máquina de lavar sovaco e o sugador vórtex de catota. A procura é imensa, mas Casemiro não gosta muito de construir novamente algo que ele já criou, por isso, é mais fácil vê-lo criando algo novo do que montando uma linha de produção. Atualmente Casemiro está criando uma cueca aromatizadora de flatulências, a pessoa solta seus gases que são filtrados e liberados na forma de aromas agradáveis, até agora ele não evoluiu muito na transformação dos odores, o melhor que conseguiu foi um cheiro de arrote de mortadela.

Demóstenes - um saci militar. Ele é o capitão do exército dos sacis, exímio cavaleiro, por isso, montou a melhor cavalaria de sacis... Apesar de estranho, os sacis conseguem montar seus cavalos e ainda deixá-los em posição rampante. Dizem até que o símbolo da Ferrari será modificado em breve, eles colocarão a silhueta de Demóstenes em seu cavalo no escudo, tamanho o respeito que tiveram pelo saci cavaleiro.

Eugênio - É o saci mais inteligente que se conhece. Ele vive formulando enigmas que revolucionam as Ciências e a Matemática. Todos os sacis acreditam que um dia ele será laureado com um Prêmio Nobel! O Teorema do Nó em Pingo d'água foi desenvolvido por Eugênio, assim como a Teoria da Ressonância do Cochilo com Baba, um primoroso trabalho que ele vem desenvolvendo desde que descobriu a origem das bolinhas de ranho no nariz dos bebês. Graças ao Eugênio os cientistas estudam sua Teoria do Resfriamento dos Vulcões com ventiladores para a redução do aquecimento global.

Ferdinando - o mais bagunceiro dos sacis, ele tem o sotaque rural do mineiro, ou como ele mesmo diz, do "mineirim". Ele adora fazer guerras de bolo de fubá, assustar pombos para fazerem meleca na cabeça das pessoas ou nas roupas estendidas nos varais, puxar o cadarço das pessoas quando elas menos esperam e esconder os dentes que

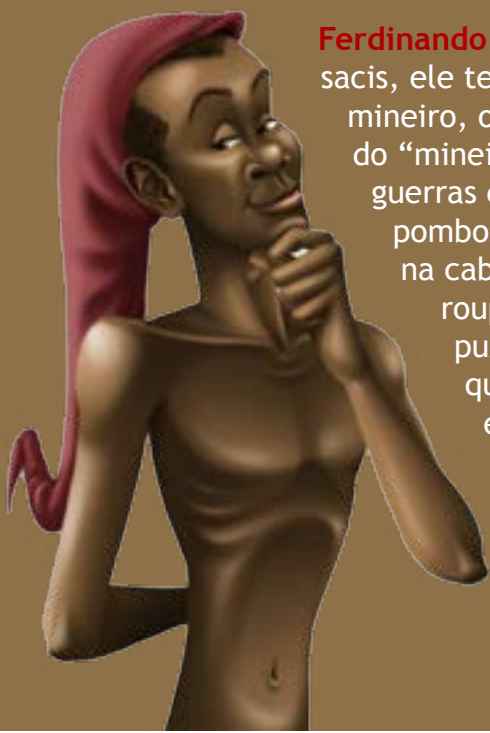
as crianças deixam para a Velha Caxuxa montar sua dentadura. O quê? Fada do Dente? Como ele mesmo diz: qui fada do dente, qui nada, sô! Quem pega us dentim é a Veia Caxuxa! Embora seja o mais traquina, ele também é um craque no jogo de futebol de sacis, faz cada golaço de bicicleta e dá cada pedalada que deixa qualquer um tonto.

Gumercindo - É o chef dos sacis, um mestre da culinária dos sacis. Seus bolos de minhoca são para peixe nenhum botar defeito. O pudim de lesma é de dar baba na boca! Não há mais gosmento! Quando uma receita que nós estamos acostumados a fazer não fica boa, pode ter certeza que Gumercindo andou incluindo ingredientes estranhos só para que ninguém faça algo mais gostoso que ele. Para os banquetes do Costureiro Maluco ele faz comidas que os humanos adoram, mas de vez em quando, arrisca umas maluquices.

O rei dos sacis - este personagem aparece no segundo livro da saga. Ele tem uma característica peculiar, ele coleciona sacos de risadas e almofadas peidofônicas. Ele é muito divertido, tudo para ele é brincadeira, aplica trotes, faz festas, conta piadas e tudo mais. Digamos que ele seja o rei do humor. Ele faz coisas como coar café na mão furada, tranças em cabelos do sovaco. Foi ele que inventou um liquidificador de rodamoinho e está montando uma fábrica para produzi-lo em escala. Em seu programa de regência tem a meta de montar uma fábrica de calçados para o pé direito e outra para o pé esquerdo. Recentemente ele decretou que os sacis deveriam trocar o cachimbo de fumo por um de bolla de sabão, e que os sacis não podem mentir, pois mentira tem perna curta e um saci com perna curta só teria meia perna. Seu nome é Cícero, mas gosta de ser chamado de Rei Sacícero. Todos os sacis o admiram e respeitam, mas isso não impede os sacis de aprontarem com ele também.

Como não deixaria de ser, os livros da saga de Ulisses: Ulisses no País das Maravilhas e Ulisses Através do Espelho (lançamento em 2017 pela Editora Uirapuru), são repletos de humor, mas também uma forte crítica à importação da cultura de outros países em detrimento à nossa riqueza folclórica e cultural.

Egídio Trambaiolli Neto é graduado em Ciências, Matemática, Química e Pedagogia, trabalha como roteirista, escritor e editor. É autor de 640 obras literárias e diretor-presidente da Editora Uirapuru.





*Derci Pererê, por Felipe
Minas, para o Cultura in
Pop. É o folclore haute
couture levando o Saci
para a passarela*



Usei várias características registradas no Inquérito, como orelhas de morcego, olhos de animais, o porrete que ele usa pra agredir quem lhe nega fumo. Os adornos que ele usa foram inspirados em representações do Aroni, para dar mais vínculo à parte afro da construção dele.
- Ícaro Maciel

SOCORRO, VAMOS SALVAR A FLORESTA!

Tótila Artigas

Era uma vez um madeireiro chamado Machado Serra. Ele não era um madeireiro comum, que se preocupa em cuidar das árvores, como todo madeireiro cuidadoso faz. Não, ele só queria saber de derrubar as árvores, destruindo, com isso, grandes áreas de florestas e deixando milhares de bichos sem os seus lares. O pior é que a polícia de proteção do meio ambiente não conseguia prendê-lo. Cada vez que alguém denunciava o lugar onde ele estava, quando a polícia chegava lá, ele já tinha fugido e estava destruindo outro lugar da floresta.

O Saci, vendo a devastação rápida da sua floresta, chamou seus amigos Curupira, o Boitatá, a lara e a Mula-Sem-Cabeça para uma reunião. Infelizmente, a Mula-Sem-Cabeça, como solta fogo pelas ventas, não pôde ir, porque estava com um resfriado muito forte, que a fazia espirrar toda hora. E, cada vez que espirrava, soltava uma labareda enorme, que queimava tudo o que estava em volta, assim explicou Boitatá. Portanto, o Saci começou a reunião sem a Mula-Sem-Cabeça.

— Amigos, ele falou, nossa querida floresta está correndo grande perigo. O madeireiro Machado Serra está destruindo tudo. Não sobra um pé de árvore por onde passa com o seu machado afiado.

— É verdade, confirmou Curupira. Ele corta até as arvorezinhas que mal chegaram à adolescência.

— Com isso, a terra fica sem proteção e quando chove, a enxurrada carrega tudo para os rios. Por isso é que o rio onde eu moro está todo barrento, a lara se queixou, com sua voz melodiosa.

— E eu não tenho mais onde me esconder durante o dia, reclamou Boitatá. — Sou obrigado a me enterrar nas folhas caídas, ou me enrolar debaixo de algum arbusto incômodo e espinhoso.

— Isso não pode mais continuar, Saci esbravejou. Vamos usar nossos poderes para vencer esse... esse...

— Destruidor de florestas alheias, lara completou, com sua voz melodiosa.

— Isso mesmo! Esse destruidor de florestas alheias!, Saci confirmou.

— Quem vai primeiro?, Boitatá perguntou.

— Vamos tirar a sorte, Curupira sugeriu.

— Aqui tem quatro gravetos, cada um de um tamanho. Quem tirar o menor vai primeiro. Se não conseguir, aí vai por ordem de tamanho.

Assim foi feito, cabendo o primeiro lugar a Saci. Enchendo-se de coragem, ele criou um redemoinho de vento, embarcou dentro e foi para o acampamento do malvado madeireiro. Encontrou-o deserto, para sua alegria, pois assim poderia fazer mil travessuras. A primeira que fez foi azedar o leite que estava sobre a mesa, dentro da barraca. Quando viu o machado sobre um tronco, não muito longe, teve a idéia de bater o corte sobre uma pedra, estragando, assim, a ferramenta. Foi pulando no único pé, silenciosamente, até ele. Quando se abaixou para pegá-lo... uma sombra enorme surgiu às suas costas.

Virou-se, assustado, a tempo de ver o madeireiro segurando com as duas mãos uma peneira de taquara, com a terrível cruzeta no meio, pronto para cair sobre ele! Não fosse sua agilidade inata e teria sido capturado. Imediatamente produziu um redemoinho de vento e fugiu a toda velocidade. Chegou a ver a garrafa escurecida com fumaça de vela e a rolha com a cruz desenhada com carvão, onde teria sido preso se fosse capturado. Machado Serra ficou dando risada, caçoando dele...

— Não consegui, Saci falou, frustrado, aos companheiros, depois de contar o que tinha acontecido.

— Agora é a minha vez, falou Curupira. — Dejem-me sorte.

— Boa sorte, os amigos falaram, em coro.

Quando chegou perto do acampamento, o menino começou a bater nos troncos das árvores com seu bastão de sibipiruna. Sua esperança era a de que o madeireiro ficasse curioso com o barulho e fosse procurar o que estava causando. Assim, o enganaria deixando pegadas com seus pés voltados para trás, fazendo com que ele se perdesse na floresta.

Depois de bater em muitas árvores, já cansado de andar sob o sol quente e sem ver resultado de sua artimanha, resolveu dar uma parada para fazer xixi. Encostou o bastão numa árvore e se escondeu atrás dela. Quando acabou, foi pegar o bastão, e qual não foi sua surpresa: ele havia sumido! Mas

reconheceu imediatamente a risada que sumia no meio da floresta. Era o terrível inimigo.

Correndo a toda velocidade, o nosso herói chegou ao acampamento, mas já era tarde: seu querido bastão de nobre madeira de sibipiruna havia se tornado, imagine só, num pacote de espetinhos para churrasquinho! E lá se foi o frustrado Curupira de volta para os seus amigos, chorando de tristeza.

Ao saber do ocorrido, Iara ficou revoltada.

— Agora ele vai ver!, ela esbravejou com a sua voz doce e melodiosa. — Nenhum homem, até hoje escapou do meu canto apaixonado. Ele não vai ser o primeiro, não

Bem cedo de manhã, Iara se postou sobre uma pedra, no meio do rio. Quando viu Machado chegar, começou a pentear os seus longos cabelos pretos e a cantar. Sua voz maravilhosa estava mais maravilhosa ainda, cantando as mais lindas canções que ela conhecia. Ao longe, na margem, Machado ia e vinha da barraca para o rio e do rio para a barraca, sem sequer tomar conhecimento da música maravilhosa. “Acho que ele deve ser meio surdo”, ela pensou. E foi, de pedra em pedra, chegando mais perto da margem. Qual não foi sua raiva ao descobrir que o destruidor de florestas estava ouvindo um walkman. O pior é que já estava tão rouca de tanto cantar, que não conseguia mais emitir nenhum som. Teria que ficar sem falar um bom tempo... Quem explicou aos amigos o que aconteceu foi o Curupira, que tinha se escondido no meio do mato só para ouvir a amiga cantar e viu tudo.

— Agora eu me enfezei!, exclamou Boitatá. — Quem ele pensa que é? Vou lá e acabo com ele! Ah, se vou! Ele vai ficar sem um pinguinho sequer de luz nos olhos!

Quando foi de tardezinha, que o sol tinha acabado de sumir, o valente Boitatá saiu de seu esconderijo voando como uma bala, pelo meio da floresta. Sua boquinha, que é pequenininha mas é cheia de dentes, ia pronta para abocanhar a luz dos olhos do horrível Machado Serra

Ele estava sentado, de cabeça baixa, afiando seu machado, quando o Boitatá avisou-o, no acampamento. Lançou-se sobre ele com toda sua fúria... e se desfez em milhões de pedacinhos coloridos de luz, quando chocou-se contra os enormes óculos escuros que o vilão estava usando!

Frustrado e triste, Boitatá voltou para seu esconderijo no meio da mata, com as bolinhas de luzes coloridas fluando atrás.

Na manhã seguinte, os amigos reuniram-se. Estavam todos tristes com a derrota. Cada um deles havia tentado o que podia para salvar sua amada floresta, mas foi em vão... De repente, ouviram alguém que se aproximava,

assobiando uma canção. Saci, que era curioso, espiçou o pescoço acima das moitas e soltou um grito de alegria:

— Turma, estamos salvos!

— Como?, Curupira perguntou, desalentado.

— O guarda Salvador da Mata está aí. É só chamá-lo e mostrar onde Machado está hoje!, Saci explicou.

— Então vamos, exclamaram os três, em coro

Rapidamente, contaram ao Guarda Florestal onde estava o destruidor de florestas e foram guiando-o pelas trilhas mais rápidas. Chegaram ao acampamento quando Machado estava se preparando para cortar mais uma árvore.

— Alto lá, seu meliante. Você está preso, em nome da lei, o guarda Salvador intimou-o.

Ao ver que não tinha escapatória, Machado Serra abaixou seu machado, deixando que o guarda o prendesse com as algemas.

— Vocês têm direito a uma recompensa pela prisão dele, explicou o guarda Salvador.

— Não queremos recompensa, seu guarda. Não precisamos de dinheiro, aqui na mata. Ele pode ser usado para melhorar a proteção da nossa floresta, disse o Saci.

E assim, mais uma floresta foi salva da destruição.

Totila Artigas é contador de histórias de Cubatão/SP. Ele costuma contar “Socoro! Vamos salvar a floresta!” em seus espetáculos Mala de Histórias e Show do Fuzuê.





“Trabalho com esculturas feitas em ferro e além do conteúdo literário eu também construí um Saci. Aqui vai uma foto dele no verão. Estou esperando uma boa nevasca para mostrar como ele está bem adaptado aqui na Suécia”.
- Gustavo Beuttenmuller

CIDADE ACORDADA

Neide da Cunha Pinto

Olho sempre pela janela de madrugada
para ver se ainda há uma janela acordada, assim,
para não me sentir tão só.

Então, nas janelas que já estão dormindo, os vejo.
Lá estão eles, aqueles gurizinhos de gorro vermelho,
rindo, espiando, sentados,
olhando não sei o que.

Apenas a luz do cachimbo aceso
os ilumina.

SACI NA MÚSICA

Do funk ao sertanejo, do rock à mpb, saci permeia o imaginário musical brasileiro



Arte: Rafa Louzada, para o álbum Metal Folklore

Andriolli Costa

Guinga e Paulo César Pinheiro ficam até de cabelo em pé quando cruzam na estrada com aquele preto retinto nu. Boné vermelho cobrindo o pixaim, sempre pitando um cachimbo de bambu.

O saci e seu rodopio fazia subir a ventania na palhoça e nos terreiros, inspirando também as canções da meia noite de Kleiton e Kledir. O canto da ave saci assombra Renato Pessoa. Mas não tema, Ney Matogrosso já mostrou que entre os sacis e as fadas está o caminho do encantamento.

É claro, sempre existem os descrentes. Para MC Veroiki, amor é que nem saci: só trousse acredita, sabe como é. Mas garanto que vale muito mais a pena entrar na brincadeira e dançar tango com o afofado, como faz Tatiana Rocha. Se tiver coragem, dá até para apostar com ele. Jorge Ben Jor casou no chão torto de jiló, melancia e alho. Levou para casa cachimbo e gorro do pernetá no final.

Saci também é crítica. Para a Conecrew Diretoria, de Brasília, a polícia é tão truculenta que não respeita ninguém - dá rasteira até em saci. A abordagem não surpreende, já que João Carreiro e Capataz inclusive chamam o pernetá para pedir mais *daquele* produto que “só faz a gente rir”.

O saci é tão importante que é incrível ainda haver quem não reconheça seu dia! Detonator, o deus do Metal, resolveu isso em sua obra rock: 31 de outubro é o dia do saci! Não se engane, meu amigo. Não é dia de Halloween.

É... Elis já cantava essa pedra: o Brasil - esse mesmo, com Z - está matando o Brasil e levando o saci junto! Certo mesmo era Bezerra da Silva, porque é mais fácil morcego doar sangue e saci cruzar as pernas do que essa pendenga se resolver. Só não fique de bobeira, viu? Afinal, como lembra a banda BRAZA, em terra de saci, qualquer chute é voadora.



“Quis destacar no crânio características afrodescentes, como a protuberância frontal acentuada, zigomáticos fortes, órbitas com uma forma mais quadrada e os dois incisivos superiores um pouco separados. A pátina do osso foi feita tendo em mente o terreno arenoso em que ele teria sido encontrado. Era fundamental que o cachimbo fosse feito de bambu, levemente queimado”.

- Léo Dias de los Muertos

A Noite do Saci

Gastão Ferreira

Seu Fausto do Curió gostava de passarinhar. Desde guri andava pelas matas ouvindo o canto dos pássaros. Em sua residência mantinha inúmeras gaiolas e cuidava com muito amor dos pequenos cantores que alegravam sua vida de humilde pedreiro. Numa primavera, véspera do Dia de Finados, com mais de setenta anos de idade e já aposentado, saudoso das andanças pelos matagais, resolveu após avisar a família ir até o rio Sorocabinha visitar seus amigos, os passarinhos.

A foz do rio Sorocabinha que deságua no Mar Pequeno é famosa por suas mutucas, mosquitos pólvora, cobras venenosas, manguezal intransitável, robalos, mandis, carás, traíras, pirambóias, caranguejos e siris. Seu Fausto não queria pescar, ele queria era ouvir o canto dos pássaros, lembrar dos dias infantis, reencontrar o garoto do passado que amava a Natureza. Dentre o trinar dos sabiás e de inúmeras avoantes que enfeitam o local, um grito chamou sua atenção:- “Tô Aqui!... Tô Aqui!”

Seu Fausto seguiu o chamado e embrenhou-se cada vez mais na mata densa... Perdeu o rumo, não conseguia voltar, anoiteceu rapidamente e aquele “Tô Aqui!... Tô Aqui!” o levou para o desconhecido. Os familiares aflitos e pensando no pior, entraram em contacto com a polícia, a notícia se espalhou e dezenas de amigos moradores do bairro do Rocio se uniram na sua procura. Adentraram a mata com luminárias, gritaram por seu nome, procuraram a noite inteira. Lá pelas cinco horas da manhã ele foi encontrado adormecido sobre as raízes de uma árvore no manguezal, os mosquitos pólvora tinham feito a festa, seu Fausto estava com a roupa em farrapos, bastante machucado e muito assustado.

Na volta para casa perguntaram-lhe o que tinha acontecido e ele respondeu: ”- Fui enfeitado por um Saci!”. Muitas pessoas o procuraram para saber da história do tal Saci, mas ele guardou o segredo consigo e jamais contou o que realmente ocorreu. Muitas vezes seu filho, o Jóca, o pegava distraído, com um ar sonhador e notava nos olhos de seu velho pai, um brilho de quem viu visagem ou coisas das quais não podia falar.

Essa é uma história verídica que aconteceu em Iguape e seu Fausto do Curió foi o seu protagonista, portanto quando no meio da mata alguém ouvir um chamado:- “Tô Aqui!... Tô Aqui!”, volte imediatamente para o sossego do lar ou será enfeitado, perderá o rumo de casa e passará uma noite sozinho com o Saci.

Gastão Ferreira é escritor de Iguapé/SP e publica na página [Crônicas & Causos Iguapenses](#)

PASSANDO A PERNA NO SACI

Elizeu Batista Thomé

Contava o saudoso Anselmo, filho do Tico do Hotel, que naquelas épocas, lá pras bandas do Guaritá, nas noites escuras ouviam muito barulho de assombrações. O saci pererê fazia um barulhão, com um pé e aleijado arrastava com raiva a poeira no chão. Mas também era sabido que saci só aparecia para quem estivesse sozinho.

O seu tio, O Valdir Bananeiro, sempre que vinha pra cidade e voltava a noite, nunca vinha sozinho de medo de encontrar o saci no caminho. Uma certa noite, não tinha companheiro para vir para cidade, resolveu enganar saci.

Pegou uma vassoura, cruzou um pedaço de pau no cabo, colocou um chapéu de palha na ponta e ascendeu um cigarro e colou no cabo da vassoura fixando-a ao seu lado no assento da charrete.

Assim vinha pela estrada a fora no escuro, ele com um cigarro na boca e outro na vassoura, e quem de longe avistava imaginava que tinha duas pessoas sentadas na charrete e nem mesmo o saci aparecia para assustar.

Elizeu Thomé é aposentado de Chavantes/SP

SURRA DE URTIGA

Itaercio Rocha

“Por volta dos 11 anos, colhendo Murici com a garotada alguém gritou: - Olha o Saci! Disparamos a correr até cairmos na maré. Juro que vi vultos dele! Depois foi só tratar as pernas grossas de urtiga. Cansação, como chamávamos. Os mais velhos disseram que a gente tinha levado uma surra de urtiga do Saci por que entramos na mata para pegar frutas sem pedir licença”.

Itaércio Rocha é artista maranhense. Essa história se passou na praia do Caúra em São José de Ribamar/MA



DIA DO SACI X HALLOWEEN

A ludicidade e a fantasia como estratégia de enfrentamento

Andriolli Costa

Arte: Giorgio Galli

Como estudioso das mídias e da cultura popular, acompanho com especial interesse ano após ano o embate entre amantes do Dia das Bruxas e defensores do Dia do Saci. Discussão essa que, como várias no âmbito das redes sociais, não leva a outro lugar que não a fadiga mútua. As postagens, memes e acusações se seguem até o ponto em que as pessoas simplesmente se cansam uma das outras e desistem de argumentar.

Reconhecendo o caráter infrutífero deste comportamento, este texto se posiciona de maneira diferente. Não é mais um artigo de renúncia ao Halloween. Não busca fazer uma exaltação ufanista, muito menos se apegar a uma interminável discussão sobre o anglicismo que cerca nosso dia a dia. Isso não é o importante. A verdadeira chave da questão é perceber que o Dia do Saci não é mera alternativa tupiniquim ao Dia das Bruxas, mas um objeto de natureza totalmente diversa.

O bipartidarismo político já não é polarização ideológica o suficiente nas redes sociais? Ao que parece, não. Basta uma rápida olhada nas mensagens compartilhadas para compreender. As bem-humoradas artes da **Sociedade dos Observadores de Saci**—“Raloim? Só com carne seca!”—dividiam espaço com mensagens nacionalistas que berravam: “Halloween é o cacete! Viva a cultura nacional”. Isso sem falar nos comentários que taxavam de alienados ou antipatriotas aqueles que queriam celebrar a festa estrangeira.

A antipatia foi compreensível. “Feliz dia do pseudomoralista que diz que devemos comemorar o Saci no lugar do Halloween”, diz um tweet divulgado pela Veja SP. “Que chato esse pessoal reclamando que Halloween não é uma festa brasileira. Natal também não!”, alfineta o blogueiro gaúcho **Rafael Rodrigues**.

Halloween não é uma apenas uma festa americana, mas a celebração do Samhain celta que foi apropriado e reimaginado por diversas culturas. Evidente que esse lastro muito se perdeu frente ao ca-



lendário econômico, mas ainda resta algo de memória desse rito antigo. Levando em conta que os próprios mitos brasileiros são gerados de influências indígenas, negras e europeias, Saci e Halloween são fatias do mesmo bolo. Ou ainda, como bem disse um usuário no Facebook: “Enquanto você está aí pensando, o Saci deve estar em festa!”.

Compreendo que as mensagens mais enfáticas em defesa do Dia do Saci vem da vontade de legitimar uma ideia frente a outra, hegemônica e internalizada.

Ainda assim, com tantas reações contrárias, será que é este o caminho? Não acredito que seja possível convencer o outro a mudar de ideia—ou ao menos a simpatizar com a causa—agredindo e desqualificando seus comportamentos. A postura mais natural é que o interlocutor reaja defensivamente, e foi o que aconteceu.

O Dia do Saci não é um feriado nacional. A proposta de sua criação ocorreu em 2003, com dois projetos de lei que não foram aprovados. No entanto, de lá para cá, a data já foi instituída como feriado municipal em mais de uma dezena de municípios, principalmente no interior de São Paulo. Isso não impediu que várias outras cidades também passassem a promover suas próprias brincadeiras em homenagem ao diabrete brasileiro. Esse é o espírito.

O desejo de festejar não deve ser imposto a ninguém. Se não for algo espontâneo, vira teatro, vira encenação. A espontaneidade, afinal, é uma das principais características da cultura popular. O fato folclórico existe a partir do povo, e acompanha esta sociedade. Quando deixar de fazer sentido, vira outra coisa. Simples assim.

O Dia do Saci não deve ser um mero contra-ataque discursivo ao Halloween, mas encontrar na ludicidade e no maravilhoso as ferramentas para institucionalizar-se no imaginário brasileiro e no calendário oficial das festividades. Conheça na página ao lado algumas das iniciativas feitas em todo o Brasil para transformar o 31 de outubro numa legítima celebração da brasilidade.



Festa em Penápolis/SP.
Foto: Divulgação

FESTAS DO SACI

*Iniciativas levam um pouco de folclore para
crianças e adultos de todo o Brasil*

3a Festa do Saci na APCEF/RJ



Foto: Divulgação

14a Festa de S. Luiz do Paraitinga



Foto: Tercio Esperandio

7a Festa de Raposo Tavares



Fotos: Paula Serra e Alicia Esteves

Dia do Saci em Florianópolis/SC



Foto: Rubens Lopes

Sacicleta da casa H. de Souza/PE



Foto: Divulgação

2a Festa do Saci de Atibaia



Foto: Divulgação

SACI FANTÁSTICO

Da FC ao terror, passando pela fantasia, saci continua inspirando histórias de todos os tipos



Arte: Ursula Dorada -SulaMoon

Gerard e Oludara, de *A Bandeira*, são guiados a aventuras por um Brasil fantástico pelo próprio Saci. Abaixo, Felipe Castilho incorpora o pernetá

Andriolli Costa

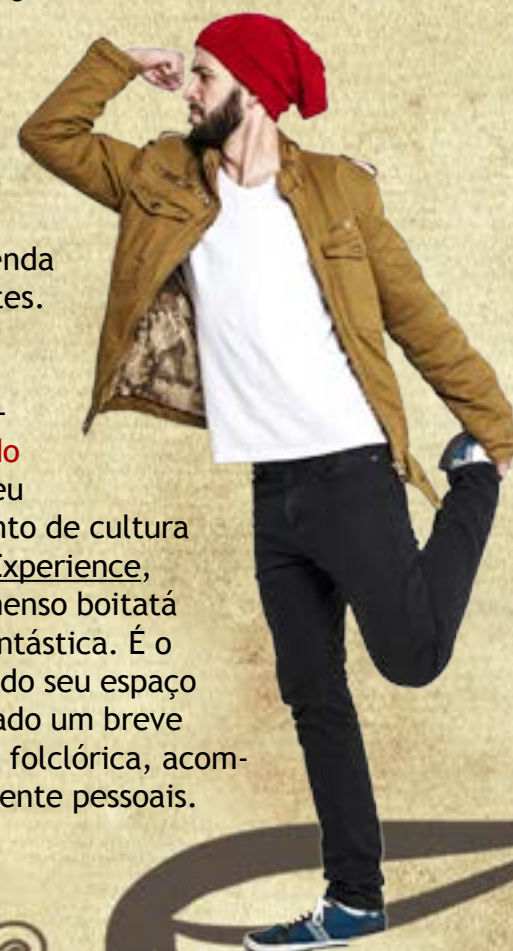
Se Monteiro Lobato estabeleceu as bases para a literatura infanto-juvenil com inspiração na cultura popular brasileira, colocou também indiretamente um entrave para essa produção. O Picapau Amarelo é o parâmetro, um monólito quase intocável de onde as narrativas dessa ficção folclórica acabam tendo que beber para serem aceitos.

Isso vem mudando recentemente graças aos sistemas de publicação independente pela rede, seja no caso da Amazon ou no Wattpad, é cada vez maior o número de publicações que se arriscam a dar sua própria cara ao folclore brasileiro - principalmente no âmbito dos contos. Muitas inclusive brincando com as próprias bases do gênero, como faz Gabriel Requiem em *O Senhor do Vento*. Na história, referências da biografia de Lobato se unem a uma traumática experiência na Guerra contra o Paraguai. Os sacis da história, criaturas aracnídeas com uma carapaça escura, rodam grandes ferrões de escorpião como se fossem furacões.

A democratização da produção caminha para os dois lados, no entanto e histórias ruins e as vezes muito ruins são publicadas na rede. Nesse gênero emergente, sobre o qual ainda há muito preconceito e desconfiança por parte do leitor, não há grande margem de erro.

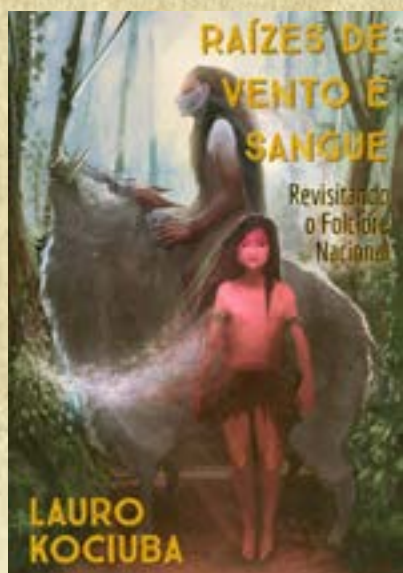
Para além da narrativa curta, é preciso destacar dois grandes expoentes nos romances de ficção folclórica nestes últimos anos. O primeiro grande marco foi a publicação de *A Bandeira do Elefante e da Arara*, por Christopher Kastensmidt. O autor já havia vencido o prêmio Nebula com a primeira novela da série. Agora, com o romance lançado, os planos são o lançamento de um RPG e um jogo de tabuleiro. Cabe lembrar que em parceria com a mysterybox *Nerd Loot*, o livro foi enviado ainda em pré-venda para cerca de 5 mil assinantes. Nasceu já um best seller.

Outro destaque é Felipe Castilho, autor da série *O Legado Folclórico*, que já está em seu terceiro livro. No maior evento de cultura pop do Brasil, a *Comic Con Experience*, Felipe participou com um imenso boitatá do painel sobre literatura fantástica. É o folclore brasileiro encontrando seu espaço no mainstream. Confira ao lado um breve apanhado de obras de ficção folclórica, acompanhadas de opiniões puramente pessoais.



Raízes de vento e sangue

Lauro Kociuba, Edição do autor, no prelo (2017)



Esta coletânea de contos ainda não foi publicada, mas tive a oportunidade de ler boa parte deles como leitor beta e foi uma experiência única. Lauro bebe da fonte dos folcloristas trazendo muitas cenas referenciais, mas não se furta da inventividade. “Odin trocou seu olho por sabedoria. Pense no que troquei pela perna?”, pergunta seu saci.

Trabalho Honesto

Rodrigo van Kampen, Edição do Autor, 2016



Nesta novela cyberpunk onde os portais entre nosso mundo e o das lendas foi permanentemente aberto, acompanhamos o lobisomem Rhalfe em seu honesto trabalho como “braço” de Victor Sombreira. Um destes trabalhos é ajudar um pobre saci hacker que está sendo acusado de usar sua aura do caos para avacalhar os negócios de uma loja de departamentos.

Quando o saci encontra os mestres do terror

Antologia. Editora Estronho, 2013



Antologia no momento disponível apenas pela Amazon. Dos que tratam de saci, destaque para “Pacto Hereditário” com uma história angustiante e bem escrita. “Mr. Bierce o duende dos pampas” também surpreende. Por outro lado, “Tempat Bagi” tenta criar um clima lovecraftiano, mas a narrativa no tempo presente e a história cheia de clichês decepciona.

Brasil Fantástico

Antologia. Editora Draco, 2013



Antologia produzida em parceria com o Clube de Leitores de Ficção Científica. Como várias do gênero, alterna contos muito bons e aqueles nem tanto. Dos que tratam de saci, “A sacola da escolha”, e “o padre o doutor e os diabos que os carregaram” são longos contos que tratam de diversos mitos em relação, quase que um panorama geral demais. Me chamou pouca atenção.

Contos do Sul

Simone Saueressig. Edição do autor, 2012



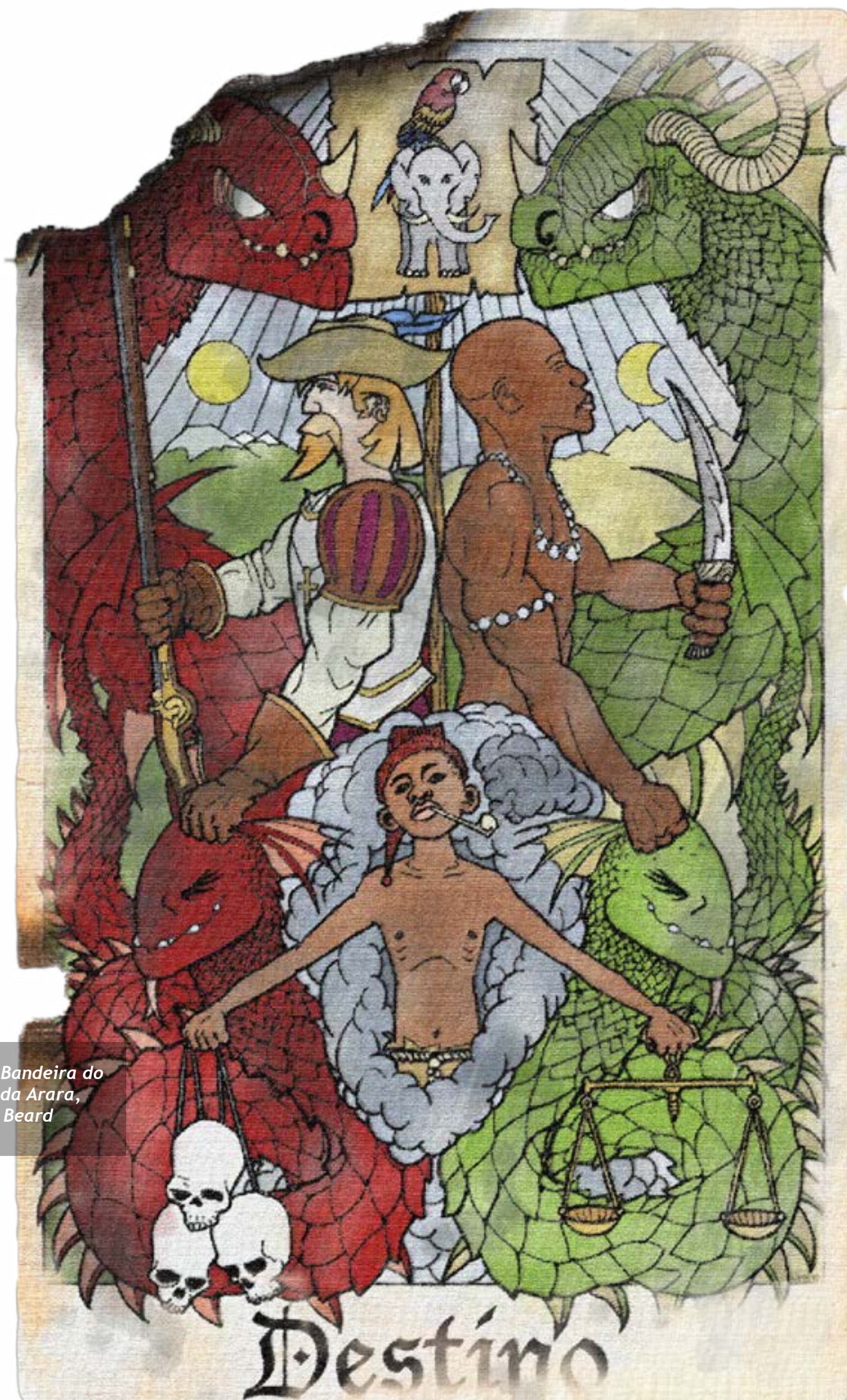
Numa coletânea inspirada nos contos de João Simões Lopes Neto, Simone nos brinda com versões muito cruas e aterrorizantes das criaturas folclóricas neste que é o melhor livro do gênero para mim. O Saci, texto que encerra o livro, traz o encanto pelo circo - mesmo que decrépito, as paixões infantis e a furiosa criatura encerrada na garrafa. Que horrores aguardam quem a libertar?

A Odisseia de Tibor Lobato

Gustavo Rosseb. Editora Jangada, 2011



O jovem Tibor e sua irmã Sátir vão morar com a avó em um sítio. A história é cheia de referências, algumas até óbvias demais, que são um prato cheio para quem gosta. O saci deste livro que usa a alcunha de “Sacireno Pereira” não é dos meus favoritos. Desgosto também da reunião familiar de vários mitos que o livro trás. Ainda assim, vale pela inventividade.



Tarot de A Bandeira do
Elefante e da Arara,
por "Jay" Beard



O Patrão, da série O Legado Folclórico, lutando capoeira. Nos tempos antigos, ele já foi conhecido como Saci Pererê. Hoje, abandonou o nome e se tornou um sisudo líder. Arte de Thiago Cruz (Ossostortos).

A PELEJA DO PERERÊ CONTRA OS COMENTARISTAS DE PORTAL



Andriolli Costa

Em agosto de 2015, aproveitando as celebrações do mês do Folclore, o G1 publicou uma matéria produzida pela afiliada da Globo no interior de São Paulo. **“Empresário diz que cria 17 casais de sacis em sítio”** traz uma entrevista com Edson Wagner, de Porangaba/SP. Integrante da Associação Nacional dos Criadores de Saci ele relata que sua propriedade vivem diversos sacis da espécie Siriri - aquela que só tem a perna esquerda. Conta ainda que o saci é invisível, por isso ninguém consegue ver mesmo preso na garrafa.

A divertida matéria não gerou comentários sobre a ludicidade e o encantamento que Edson promove. Muito pelo contrário: a grande maioria se não questionavam o portal - e seus replicadores - pela inutilidade de uma matéria sobre fatos inverídicos, era permeada por comentários sobre supostas doenças mentais ou consumo de drogas que geraria tamanhas “ilusões”.

Tive a oportunidade de protagonizar um caso semelhante pouco mais de um ano depois, quando a edição de dezembro de 2016 da Revista Piauí apresentou a matéria **“A peleja do Pererê contra o Grúfalo”**.

O cenário da matéria é a Feira do Livro de Porto

Alegre, onde num concurso de contadores de histórias ensino a criançada a colecionar sacis, enquanto minha colega conta a história O Grúfalo, da britânica Julia Donaldson. O foco alterna entre a contação, as histórias de saci que sempre acompanharam minha família e as palestras sobre saci que apresento pelo país.

“Esse aí é tão palestrante quanto o Lula”, levanta um dos leitores quando a matéria foi compartilhada pela Folha de S. Paulo no [Facebook](#). Maconheiro, desocupado, débil mental foram alguns dos adjetivos que coroaram a postagem. Sem falar em “acusações” de ser petista, esquerdista, marxista e suas variações. “Palestra sobre Deus ninguém faz”, arremata um comentarista.

Ignorando as ofensas, podemos pensar na centralidade dos argumentos: pensar e falar da cultura é perda de tempo, de dinheiro e de capacidade cerebral. É pauta comunista. E saci, ainda, certamente é “coisa do diabo”.

Se alguma lição fica destas manifestações é que iniciativas pela valorização desta cultura identitária é cada vez mais importantes nos tempos extremos de intolerância e ignorância que vivemos.



“Pensei no Saci como um ser místico da floresta, que um dia foi confundido e retratado como se fosse um negro de uma perna só”.
- Anderson Awvas

ASSIM CONTOU O PRETO VELHO

André Lima Carvalho

Em volta da fogueira, a criançada estava em excitado alvoroço, mas quando o velho acendeu o cachimbo com um graveto em brasa e puxou um pigarro, o burburinho calou. Todos sabiam que esse era o sinal: a história ia começar.

“Ocês sabem como é o saci, não sabem?”

Todos tentaram falar ao mesmo tempo.

“Ele é pretinho, e tem uma perna só.”

“E fuma um cachimbo.”

“E tem as mãos furadas.”

“E é muito malvado.”

Tirando o cachimbo da boca, o velho interrompeu: “Malvado? Deixa ver... A raposa que come as galinhas, ela é malvada? O quati é malvado porque rouba os ovos dos passarinhos? Se a raposa não comesse galinha, raposa ela não seria, nem o quati seria quati se não lambesse os beiços quando vê um ninho. Pois então, é o mesmo com o saci. Se não aprontasse diabruras, saci de verdade ele não seria. Se o saci é malvado, de sua maldade culpa ele não tem.”

Os pequenos eram todos ouvidos àquela voz roufenha. “Ele é mesmo bem pretinho, muito mais que eu, mais preto que anu, mais até do que carvão. Saci tem a pele mais escura que a pele da noite. Perna só, um furo em cada mão.

“Mas se ele é todo preto e vive no escuro, como é que tanta gente já viu o saci?” a voz era de Joaninha, a caçula da turma.

“Por causa de duas coisas: os olhos e os dentes. Os olhos do saci são vermelhos que nem as penas do tiê. E o sorriso dele é mais branco que algodão. Mas saci a gente só vê quando ele deseja e consente. Quando não quer ser visto, ele apaga o brilho do olho, e a boca fica fechada. Além dos mais, ele é um encantado, e todo encantado fica invisível na hora que bem quer. Por isso é que eu digo: de noite, na roça ou na mata, a gente nunca sabe, sempre pode ter um saci espiando.”

“Mesmo agora?” indagou uma vozinha assustada.

“Hum, hum... mesmo agora, quem pode saber? A gente tá aqui falando do danado, e conta-se por aí que, nas horas escuras, os nomes chamam as coisas. Agora mesmo ele pode estar espreitando, esperando a gente ir embora pra roubar uma brasa da fogueira pra acender seu pito, quem sabe?”

Olhos arregalados, todos os pequenos se aproximaram mais uns dos outros, do fogo e do velho. Ombros se tocando, olhavam assustados para os lados, mas não ousavam voltar suas cabeças para trás, onde as trevas reinavam.

“E o que mais o saci faz?” perguntou uma voz de menino que Pedro não soube identificar.

“Todo o tipo de diabrura. Dá nó nas crinas dos cavalos, azeda o leite ou a comida da panela, espalha as brasas do fogão no chão limpo da cozinha. Assusta a bicharada, faz os ovos galarem, dá sumiço nas coisas. Ih, o negrinho apronta”. Fez uma pausa e baixou a cabeça e a voz, como quem conta um segredo. “Agora, o pior mesmo ele faz quando ele cisma que alguém não lhe tem respeito. Aí é que a coisa fica feia”.

“Por essas bandas de cá, qualquer sujeito que seje grande e não seje bobo carrega sempre no bolso um saquinho de tabaco quando precisa pegar a estrada depois que a noite cai. Mesmo quem não gosta de pitar. Porque o saci... esse gosta, e muito, e se um pobre de um vivente cruzar seu caminho, e o pestinha aparecer na sua frente pedindo fumo, aí do coitado que não tiver.

Pior que isso, é se o camarada tiver o fumo, mas disser que não tem ou que não dá. Pior ainda, só se o sujeito tiver o descaramento de sair a dizer por aí que não acredita nem tem medo de saci. Aí, meu Deus do céu... Porque nada ofende mais nossos brios do que duvidarem que a gente existe ou do que a gente é capaz. Isso vale pra todo vivente, seje ele encarnado ou encantado.”

“Mas o que acontece com quem duvida do saci?”

“O que acontece? Aquilo que aconteceu com o Tibúrcio. Ocês conhecem o Tibúrcio, não conhecem?”

“Tibúrcio, o maluco da vendinha?” três ou quatro crianças falaram ao mesmo tempo.

“Ah, mas ele não foi sempre maluco assim, não. Ninguém nunca contou pra vocês como foi que o Tibúrcio malucou? Pois então conto eu...”

Foi assim que tudo começou: conversa de pinguço na birosca do Bigode, em sexta-feira de lua nova. Piada pra cá, brincadeira pra lá, muita cana goela abaixo e muita gargalhada, até que um deles resolveu falar da tal Capoeira do Pererê, o bosque de mata fechada depois da curva da estrada do cemitério. Foi um tal de cada um contar o seu causo. Que o coisinha ruim fazia isso, que fazia aquilo, que dava susto, que dava lambada. Foi quando uma voz falou mais alto.

“Um bando de marmanjos com medos de meninos. Cambada de hôme feito se borrando nas calças com medo de assombração, essa não. Comigo não, violão”. Era a voz de Tibúrcio, o mais

valente daquelas paradas. Pois de imediato alguém o desafiou: que fosse lá, então, na hora mais escura da noite. Que seguisse a Trilha do Saci, e passasse meia horinha só que fosse lá, no meio da mata. Na parede da vendinha tinha um relógio velho e grande. Copo de caninha na mão, Tibúrcio apontou.

“Pois quando aquele bobo ali der as doze badaladas eu vou estar botando os pés dentro da maldita trilha. Passo hora inteirinha lá. Mas depois que eu voltar de lá, não pago mais uma pinga nessa birosca pro resto da minha vida. É a minha aposta: pinga com mel de graça até o fim de meus dias.”

Entre os presentes, olhares foram trocados, e o proposto ficou combinado. Quando o relógio na parede juntou os ponteiros no doze, Tibúrcio levantou o copo, deu a última talagada e saiu pro frio da noite, seguido pelos companheiros. Um vento frio soprava as folhas secas do chão. Ramos retorcidos de uma árvore há muito morta emolduravam o começo da trilha. Foi a última vez que os amigos lhe ouviram a soberba na voz e a gargalhada.

Não havendo ainda passado dois minutos que adentrara o bosque, Tibúrcio já podia notar que havia ali algo de diferente. Era uma coisa para qual não saberia dar um nome, mas que sentia no ar. Apurou os ouvidos, para avaliar se havia perigos, mas perigo que houvesse, matutava ele, seria de bicho brabo ou traíçoeiro. Estufou o peito, levantou o queixo, pisou mais pesado o chão e começou a assobiar. Desde menino, era seu jeito de espantar o medo. Mas então percebeu que alguma coisa mudara. Parando de assobiar, se deu conta do que era: um silêncio profundo reinava, absoluto. Não se ouvia um sopro de vento, nenhuma das mil vozes da floresta. Pra não deixar a coragem escapar, apoiou a mão no cabo do facão e seguiu, agora assobiando ainda mais alto, que era pra não ouvir nem se deixar intimidar pela presença esmagadora daquele silêncio.

Seus olhos já tinham se adaptado à pouca luz. Entretanto, assim como seus ouvidos haviam registrado a mata a se calar, de repente eram seus olhos que testemunhavam a mata a escurecer. A cada passo que ele dava o escuro aumentava. Não, não era ele que estava penetrando em regiões mais escuras; não era o homem que avançava; era a escuridão. Não demorou muito para ele se ver num breu completo, desses que não deixam ver sequer as próprias mãos.

Coração acelerado, as mãos suando frio, cada cabelo do corpo arrepiado, a faca já desembainhada pro combate, Tibúrcio lutava contra o pânico. “Não há de ser nada,” tentava dizer de si para si. Começou a assobiar mais uma canção pra afastar o silêncio e chamar de volta a coragem.

Foi então que de bem longe, e bem baixinho, um assobio respondeu ao seu. Que som seria aquele? De passarinho é que não era, então de quê? Ou quem? Tibúrcio experimentou mudar a música e o tom, e sempre recebia de volta a mesma melodia que emitira. Parou de assobiar, mas do lado de lá o assobio ganhara agora vida e melodias próprias, assumindo o som das vozes da floresta. Ora eram

sapos coaxando, dezenas, centenas, milhares, uma sinfonia ensurdecadora; ora o grito agudo e sinistro da coruja rasga-mortalha, ora o ronco de queixada brabo, depois o grunhido selvagem de uma onça-pintada. E milhões de cantos de pássaros, todas as vozes da mata, agora ao mesmo tempo, fazendo Tibúrcio levar as mãos aos ouvidos para abafar aquela insuportável cacofonia silvestre.

E então, de súbito, e de novo, aquele silêncio absurdo. Em seguida, uma gargalhada. Voz de moleque, de moleque malvado. Depois, um assobio diferente, alto, agudo, rascante, que parecia cortar o ar, vindo de todo e nenhum lugar. Ora baixinho, como se viesse de muito longe, e, no momento seguinte, alto e forte, como se estivesse bem perto. De novo longe, de novo perto, depois ao pé do seu ouvido aquele som estridente, que desesperava e ensurdecava, se aproximando e afastando.

Tibúrcio bem que tentou reagir. Empunhava, agoniado, o facão, desferia golpes caóticos, mas a lâmina nada cortava além do ar. A cada golpe vão de sua faca, explodiam em seus ouvidos poderosas gargalhadas. Como um louco, tentava atingir a coisa viva, má e intangível que o cercava em rodopio, sons em rodamoinho, ora aqui, ora ali, perto e longe. A noite inteira se passou na luta louca do homem contra a presença invisível, que se divertia com seu tormento, e contra as ondas do pânico que se esbatiam contra os muros de sua forjada valentia, pronto a lhe inundar o espírito.

Foi só na manhã seguinte que um grupo de amigos reuniu a coragem para buscá-lo no seio da mata. E no meio de uma clareira o encontraram. Um sorriso aparvalhado estampado na face, sangrando em um lado da cabeça, Tibúrcio segurava com aparente orgulho sua faca de combate ensanguentada. Balbuciando palavras ininteligíveis, ele fez entender por gestos aos companheiros que havia conseguido pegar o pestinha. Abrindo a mão para lhes mostrar o troféu, exibiu, ante os olhares atônitos dos demais, o que o punho fechado encerrava: uma de suas próprias orelhas.

Hoje em dia, por nada desse mundo Tibúrcio volta a entrar naquela mata. Mas os amigos, justiça lhes seja feita, honraram sua palavra: todo dia na vendinha do Bigode, a conta de Tibúrcio é rachada entre os presentes. E não é pouca cachaça que o sujeito toma, não. Até porque ele já não faz da vida outra coisa. Na broska, dia ia após dia, Tibúrcio é o primeiro a chegar e só sai arrastado, quando o vendeiro decide fechar. E o dia todo, todo dia, Tibúrcio apenas baba e bebe, bebe e baba.

André Carvalho é psicoterapeuta e biólogo, com doutorado em História da Ciência pela Fiocruz. O texto é uma versão editada de **Quebranto: o dom do assombro**, seu primeiro romance.

Não sou muito de crença, mas gosto de mistérios. Acho um grande barato as representações alegóricas das forças naturais e suas formas de narrativa. Ver um Saci, um Curupira ou um Pé de Garrafa significa um encontro com o mundo natural, uma alegoria a uma experiência sublime!

- Douglas Colombelli é artista plástico de Campo Grande/MS



Busquei características indígenas, como o uso de folhas de bambu trançado para a pulseira de penas e o adereço do braço e pintura corporal inspirada no grafismo Ka-di-wéu. A forma do Saci foi baseada nos contos regionais de Campo Grande e Ponta Porã, em que ele apresenta orelhas pontudas e olhos vermelhos.

- Anderson Barbosa Ferreira, Campo Grande/MS



ABRAÇO DO SACI

Ana Paula Aparecida Oliveira

Vou contar procêis uma história que aconteceu comigo. O Vô, quando era mais novo, gostava muito de andar de cavalo, lá pras banda de Cunha, morro do Pinha, mais nem sempre meu pai deixava. E ocêis sabe, né? Fazê coisa errada o bicho feio gosta...

Então foi num dia que meu pai ia posar na casa do cumpadi dele para capa um porco. Eu não ia porque o pai dizia: — Vilino, cê não vai não, viu? Porque eu sei que ocê chora de dó e isso atrapaia o serviço !!!

Então eu fiquei em casa cá mãe. Dormi, acordei e fiz o serviço: tratei dos bicho, limpei o chiqueiro, mais tava doido pra montar no cavalo. Só uma vortinha no pasto... Mais tinha de ser num horário que minha mãe tumém não visse.

Quando aponto a premera estrela no céu eu sabia que ela ia pra dentro de casa rezá. Então fui até a cocheira, arriei o cavalo e montei. Eita coisa boa, andando de mansinho pra hora de chega no meio do pasto eu sentar a espora no bicho e ele corrê.

Foi aí que, chegando no meio do pasto, eu já pronto pra senta a espora, o cavalo deu um pulo! Ficou fungano, relinchano, sapateano o casco no chão. — Eia! Eia!

Segurei firme na rédea e o bicho fico parado. Nessa hora, pela Virgê de Nazarém tive um arrupio e senti uma mão segurá na minha cintura. Na hora pensei: - É assombração! Vô ispia rápido pra vê. Quando oiei de rabo de oio só vi uma perninha bem pretinha. Virei do outro lado e não tinha a perna. Eita, era o Saci!

Como eu não tinha fumô e tava sem coragem, comecei a rezar o responsório de Santo Antônio e o Crendiospai. Rapaiz, deu que quando eu fiz o sinar da cruz para acaba a reza, subiu um bruta dum rodaminho.

O cavalo disparo, mais eu não cai. Gritei: — Valei-me, Nossa Senhora Aparecida! Aí que o cavalo se acalmo e vortei pras cocheira. Quando cheguei em casa contei pra mãe que de me deu um xingo, e disse que quando nós faiz coisa errada o Saci gosta. Por que ele é marfeito. E marfeito gosta do marfeito.

Causo narrado por Avelino Pereira Leite para sua neta Ana Paula em Cunha, Interior de São Paulo

O BAMBUZAL

Jorge Alexandre

Em frente a casa onde eu morava, havia um terreno com um pequeno bambuzal. Alguns moradores não gostavam de passar por ali, mas aparentemente não havia motivo para isso. Algumas pessoas sequer sabiam por que tinham medo daquele local.

Realmente, algumas vezes sentíamos sensações estranhas. Não raro sentíamos um vento circulando entre nós, apesar das árvores em volta nem se mexerem. Nem ao menos uma folha caía ao chão. Mas nós já estávamos tão acostumados que só percebíamos esses fatos quando alguém de fora chegava ao local e estranhava. Não raros casos, também, a pessoa borrava-se de medo. Achávamos isso muito engraçado.

O terreno pertencia a uma senhora muito conhecida no bairro por ser uma pessoa boa e generosa. Nunca houve motivo ou conversa que a associasse a qualquer fato estranho.

Em determinada noite, houve uma ventania como nunca tínhamos visto antes. Era uma noite muito escura. O vento entrava nas casas através das portas e janelas. Não importava se estavam trancadas, elas abriam como que por uma palavra mágica. Simplesmente abriam.

Este vento invadia as casas, derrubando tudo que encontrava pela frente, misturando e espalhando papéis, documentos, roupas e lençóis. Curioso é que parecia desviar das pessoas. Era somente bagunça e traquinagem o que ocorria por todo o lugar. Corremos todos pra rua a fim de saber o que realmente estava acontecendo quando alguém gritou: “Olhem aquilo! O que é isso? Senhor, meu Deus, olhai por nós!”.

No terreno dos bambuzais, apesar de toda aquela escuridão, em que não se via a ponta do próprio nariz, era possível ver uma quantidade imensa de pequenos redemoinhos, que aumentavam cada vez mais em número, força e velocidade. Os redemoinhos formavam um tipo de bloco no chão. Pareciam dezenas de piões girando lado a lado, todos ao mesmo tempo. Algumas pessoas correram desesperadas. Como explicar aquilo? O pior ainda estava por vir, e poucos puderam contar a história depois. Mas quem acreditaria?

Quase que petrificados, ninguém se mexia. Até que, sem motivo, os redemoinhos começaram a diminuir de velocidade. Ao mesmo tempo, ouvimos barulhos de vidro quebrando. O som torna-

va-se cada vez mais alto e parecia interminável. Estariam as janelas sendo destruídas pelo vento?

Conforme se ouvia o barulho de vidro quebrando, mais e mais redemoinhos perfilavam-se uns aos outros. Ao ouvir aquele que parecia o último, ficamos aliviados. Porém, ao olhar para o bambuzal, o terror tomou conta do lugar novamente. Centenas de pequenas sombras estavam espalhadas. Pequenos humanoides cuja silhueta conseguíamos vislumbrar apesar da escuridão. Pequenas faíscas pipocavam na noite, entre amarelos e vermelhos. Eram olhos. Olhos faiscantes.

“O que são estas coisas?”, gritou alguém. Pareciam àqueles pigmeus da África, que haviam mostrado no “Acredite Se Quiser”, só que com apenas uma perna. Logo todos entenderam. “SACI! Corram que isso é coisa do demônio! Salvem suas vidas!”. Parecia que nosso fim havia chegado.

Até que se ouviu um assobio, como que o piado de um pássaro. Ao ouvir o tal som, a velocidade dos redemoinhos, bem como a agitação dos Sacis diminuía. As janelas já não batiam tantos, os lençóis deixavam de voar pelos céus, os papéis e folhas secas que antes voavam em círculos, agora desciam ao chão em queda livre.

Quando menos se esperava, um vulto surgiu de dentro do bambuzal. Era a boa senhora, dona do terreno, que trazia em uma mão uma peneira de palha, com a cruz desenhada, e uma garrafa na outra. A sacizada deixa de nos observar, e voltou-se para a mulher, que jogou a peneira para trás e quebrou a garrafa no chão, fazendo o mesmo barulho de vidro quebrado de antes. Ouviu-se uma forte explosão, seguida de uma ventania, e um imenso redemoinho forma-se a nossa frente. A senhora gargalhou. “Vamu meus fio, é hora di parti! Tão libertos... E eu tombém”.

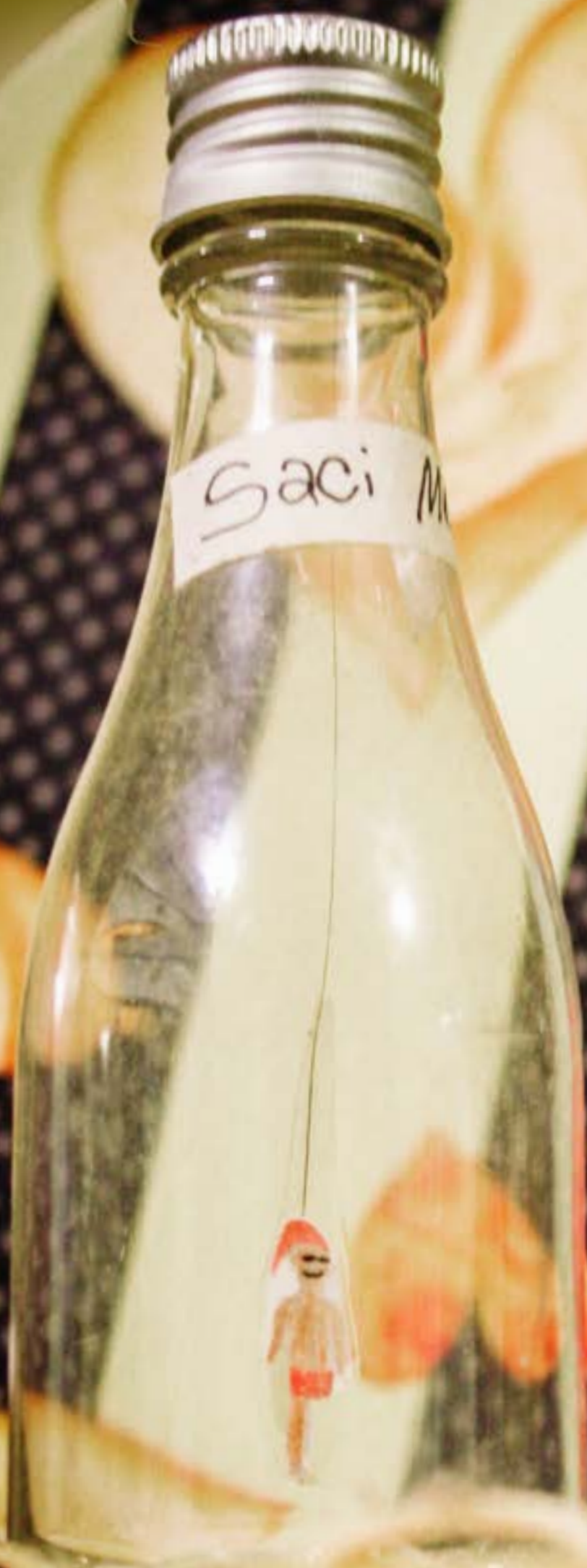
Quando o redemoinho gigantesco para, surge dele o maior dos sacis. Ele estende os braços e acolhe a mulher, abraçando-a. Imediatamente forma novamente o redemoinho e sobe aos céus levando a mulher junto. Centenas de outros rodamos menores espalham-se pelos céus, seguindo seu líder.

No dia seguinte o filho da dona do terreno mandara cortar todo o bambuzal e cimentar o chão. Ninguém comentou nada.

Jorge Alexandre é do Rio de Janeiro/RJ



*“Quis dar forma a este saci meio djinn, com tatuagens carregadas de poder e um tronco forte e braços largos. Um saci poderoso. Foi a primeira vez que modeliei alguma coisa”.
- Andriolli Costa, São Leopoldo/RS*



“Comprei a garrafa numa loja de artesanato por que achei bonita. Só depois vi que eu podia usá-la para presentear o saciólogo mais fofo que eu conheço. Esse “Saci moção” foi presente de aniversário de namoro!”.

- Jessika Andras, São Leopoldo/RS



Foto: Aline Santana/Museu M. Procópio

CAÇA AO SACI

Margareth Assis Marinho

Apesar de todo avanço tecnológico as superstições e os mitos, tão antigos, ainda têm lugar no mundo contemporâneo. Os mitos e monstros proliferam, tornando-se familiares, convivendo conosco nos cinemas, parques de diversão, na televisão, nos livros, brinquedos, jogos eletrônicos, enfim, invadindo o imaginário humano e alimentando-o.

Trabalhar com as histórias infantis atendem à necessidade infantil de fantasia. E pela mitologia brasileira é possível dar vazão a essa fantasia, pois ela é repleta de seres curiosos, exóticos, misteriosos, medrosos, assustadores, enfim, personagens e histórias que povoam o imaginário do adulto que, um dia criança, conheceu-os e jamais os esqueceu.

O imaginário infantil, por excelência, é o mais repleto dessa fantasia, pois esta compõe o seu desenvolvimento. A infância é uma etapa decisiva na formação da personalidade já que os padrões de comportamento que se estabelecem neste período, influirão por toda a vida.

O Saci Pererê é um personagem que carrega consigo muitas características que o aproxima das crianças. Ele é levado, brincalhão, curioso, esperto, inteligente, e, acima de tudo, poderoso. As histórias que permeiam sua criação - desde seu nascimento até sua morte - são envolventes e extraordinárias. Por

isso é tão difícil acreditar que ele não existe. Mais fácil deixar-se levar pela fantasia e pelo imaginário, pois são alimentos da alma.

Que outra leitura poderia ser tão prazerosa que esta de sair de seu lugar comum, colocar mochila nas costas, lanterna nas mãos e asas à imaginação? Por estas razões e por ser o Saci Pererê um dos personagens mais conhecido na literatura oral brasileira, que abrimos em 2012 a primeira temporada de caça ao Saci.

O Projeto Caçada ao Saci acontece pela Biblioteca Municipal Murilo Mendes em parceria com o Museu Mariano Procópio de Juiz de Fora/MG. Até 2016 foram cinco temporadas, com mais de 30 caçadas noturnas no parque do Museu, com uma caminhada em torno do lago e procura pelo Saci que sempre aparece e surpreende a garotada. São momentos de história e vivência de leituras inesquecíveis que encantam não só as crianças, mas também os adultos que se tornam eternos caçadores de histórias.

Margareth Marinho é autora de Dossiê Saci (2007) e Pé de Saci (2016). É Coordenadora de Projetos de Incentivo à Leitura na Biblioteca Municipal Murilo Mendes/Juiz de Fora-MG



Desde criança, sempre me interessei muito pelo nosso folclore. Além disso, confesso que a ideia de ser um saciólogo me atrai bastante. O que me motivou foi a tentativa de passar para o saci o sentimento de maravilhamento que eu sentia e ainda sinto ao ouvir causos ou ler as histórias fantásticas de nossa terra.

- Maurício da Fonte Filho. Recife/PE

MAS MORRIS & BOITATAS

O Estúdio independente de game design **Dados Selvagens**, fundado em 2015 por David Dornelles como um clube de jogos analógicos na Universidade Federal do Amazonas, preparou uma adaptação do Saci para os sistemas Old Dragon e Fate acelerado. A primeira foi feita pelo próprio David e a segunda por Victoria Baubier. Confira abaixo para se inspirar em suas mesas de jogo. Você pode encontrar as regras completas para os sistemas no site da **Redbox Editora** e na **Solar Entretenimento**.

Arte: Talez Silva



Saci - Old Dragon

Médio e Caótico

ATQ 1 Adaga + 1 (1d4+3)

DV 5 (PV 27 - 55)

Força 12

Sabedoria 12

Inteligência 14

Constituição 16

Destreza 17

Carisma 13

CA 16 JP 16 Movimento 12 Moral 6 P 495 XP

O Saci é uma criatura nativa de Vera Cruz. Este duende dos ventos assemelha-se a uma criança ébana de uma perna só. Atormenta viajantes, rouba comida das casas, mas pode dar uma trégua em troca de fumo ou favores.

Truques: Um Saci pode lançar as magias ilusão, salto, queda suave, aterrorizar, despedaçar, invisibilidade e vôo como um Mago de 5º nível.

Peripécias: Um Saci tem 50% de chance em pungar e 40% em esconder-se nas sombras e mover-se em silêncio, sendo capaz de realizar um ataque pelas costas como um Ladrão.

Elemental do Ar: 1x ao dia por Dado de Vida a criatura consegue se transformar em um ciclone e permanecer nessa forma por até 1 turno para cada 2 DV. Nessa forma, a criatura consegue se mover pelo ar, mesmo que não tenha naturalmente a capacidade de voar. Caso a criatura, quando em forma de ciclone, ocupar a mesma área de outra criatura, esta ficará dentro do ciclone. Se a criatura for duas categorias de tamanho menor que a elemental, poderá ser carregada pelo ciclone, ou até mesmo arremessada a uma distância de até 1d10 metros (JP+DES para evitar).

Utilidades: O gorro do Saci permite o usuário lançar a magia de Invisibilidade uma vez ao dia para cada 4 DVs que possuir.



Saci para FATE Acelerado

Ágil +2 Cuidadoso +0 Esperto +1 Estiloso +2 Poderoso +1 Sorrateiro +3

Conceito: O garoto mágico perneta das tretas **Dificuldades:** Viciado em desatar nós **Outros aspectos:** capoeirista mais zueiro do pedaço; o vento me segue; o mestre da arte da enganação.

Faças

Com meu gorro vermelho ninguém me vê: uma vez por sessão pode ficar invisível.

Cachimbo de ouro da Longevidade: uma vez por sessão pode ignorar todo o dano sofrido em um ataque.

É UM PÁSSARO?

Andriolli Costa

O vulto passa por cima dos prédios, desafiando a gravidade com saltos precisos e impossíveis. Na rua, os curiosos se acotovelavam.

— É um pássaro? - quis saber uma senhora gorda, ajeitando os óculos de aro grosso.

— Olha, dizem que já foi. - respondeu uma vozinha debochada, com ares de sabe tudo.

— É um avião? - insistiu um rapaz com cara de empresário, tentando tampar o sol com uma pasta de couro.

— Desculpe, você tem algum tipo de demência? - respondeu a voz. O homem se virou, procurando seu interlocutor. Olhou para baixo procurando confusão. Não valia a pena, decidiu.

— Avião? - um taxista ali parado se intrometeu. — Hehe, só se for aviãozinho do tráfico.

— Não entendi, é por que ele é preto? Racismo é engraçado pra você, agora?

O taxista quis bater boca, mas preferiu arrancar quando o anão ruivo começou a arrancar lajotas da rua e jogar em sua direção.

— É por isso que eu prefiro Uber - bufou.

As pessoas tentavam se afastar daquele homem bizarro que insistia em comentar tudo o que falavam sobre aquela sombra saltitante. Preferiram não falar mais nada e começaram a se afastar cabisbaixos, como quem sai do Banco do Brasil fingindo não ver os pedintes que aguardam na porta.

Vendo que ninguém mais lhe dava atenção, o anão precisou apelar.

— Você querem saber o que é? Eu posso contar.

As pessoas voltaram a se aglomerar em torno dele. Poucos, no entanto, o encaravam. Aqueles olhos amarelos eram estranhos demais. Intensos demais. Contrastavam com a pele branca e os cabelos desgrenhados, vermelhos como fogo. Quando achou que havia gente o suficiente ele apontou para o chapéu virado aos seus pés. Não deu mais uma palavra até que algumas notas tivessem se amontoado.

— Não é um pássaro, não é um avião. - começou, guardando o suspense - Ele é um saci.

Parte da aglomeração começou a ir embora. Alguns, mais revoltados, tentavam pegar o dinheiro de volta, mas eram afastados a chutes pelo anão. Ele continuou.

— Pensem no que sabem dele. Pensem no que sai nos jornais. Uma sombra, dizem que com uma perna só. Salta como se andasse sobre o vento, capuz vermelho na cabeça...

— E a capa?

A voz era de uma menina. Pouca idade,

os olhinhos brilhando. Usava allstars coloridos com canetinha e a camiseta com estampa do Jovem Nerd.

O homenzinho sorriu, exibindo dentes levemente pontiagudos, mas que nada tinham de ameaçadores.

— Bem observado. A carapuça virou máscara, um lençol vermelho no pescoço virou capa. É que esse saci há algum tempo resolveu deixar o mato e virar super-herói na cidade grande. Aqui os mitos são outros.

Mais gente foi embora. “Bobagem”, reclamavam. Lamentando a perda de tempo e dinheiro. Apenas a menina ficou. Ela ajeitou a mochila nas costas, sorriu com um pouco de dúvida.

— Tipo o Superman? - quis saber.

— Eu diria que está mais para o Batman.

— E como você sabe disso?

— Digamos que eu já fui o Robin.

Ela riu para ele. Verdade ou mentira, tinha sido uma história divertida. Colocou uma moeda da mesada no chapéu. O homem pigarreou. Colocou mais um real e voltou a andar em direção ao trem. Estava quase colocando os fones de ouvido quando mais uma dúvida soou na cabeça. Voltou-se novamente para o anão.

— Se você é o Robin, por que não está lá ajudando? Ele precisa de um sidekick.

O sorriso do homenzinho desapareceu. Ele a encarou com aqueles olhos amarelos, mordendo o lábio inferior com o canino pontiagudo, como que matutando na melhor resposta. Ainda a encarando, sentou-se em um banquinho.

— Você lê os quadrinhos, né?

— Só os encadernados.

— Certo, certo. Mas você vai entender.

Ele esticou as perninhas, tão curtas que chegavam a ser engraçadas. Subiu as pernas da calça. Uma lágrima ameaçou se esgueirar pelo rosto peludo.

— Sabe como é. Nem sempre o Batman chega a tempo de salvar seus companheiros.

E no lugar daqueles famosos pés, um dia virados ao contrário, havia apenas próteses. Duas próteses de madeira que encerraram sua carreira de vigilante.

A menina foi para casa em silêncio. Pensava em qual supervilão teria feito aquilo. Seu único consolo é que agora ela sabia a quem recorrer. Aprendera com o homenzinho a fazer o bat-sinal, conseguira o relógio do Jimmy Olsen. Se as coisas ficassem feias, era só assoviar.

Ele viria.

ASSOVIO DISTANTE

Anderson Barboza Ferreira

Há quem diga que o Saci se limita apenas as áreas de mata e fazenda. Mas não se engane, as vezes nosso duende e trickster brasileiro costuma aparecer nas áreas urbanas. Nasci em São Paulo, capital e lá já ouvia muitas histórias sobre a figura de um garoto negro, com uma perna só, gorro e olhos vermelhos, que aparecia em redemoinhos, dava uma coça em malcriados ou simplesmente assustava as pessoas. Em sua maioria as histórias falavam de cidades do interior, mas algumas falavam de acontecimentos ali mesmo na capital.

Me mudei para capital de Mato Grosso do Sul, e claro os contos se intensificaram ao chegar aqui, afinal se trata da região de serrado, repleta de chácaras fazendas e áreas verdes. Particularmente o bairro onde moro até hoje é conhecido por ter sido construído em uma área de fazenda. E é aqui que entra este conto.

Quando no início da adolescência, mais ou menos uns 12 ou 13 anos de idade, costumava ir muito na casa do meu vizinho, que morava na mesma rua e era meu xará. Tínhamos um outro amigo, o Paulo, que já não se encontra entre nós. Por algum motivo que não me lembro, talvez por ouvir histórias de um tio meu, ou por ter assistido algo na TV, estávamos curiosos por ouvir lendas sobre o Saci.

A mãe do meu xará resolveu então contar algumas coisas sobre o diabrete de uma perna só. Dizia que quando criança, seu avô tinha o costume de deixar fumo sobre um toco perto da porteira da fazenda onde moravam. Que antes de começar a fazer isso, sempre sumia açúcar na cozinha, os cavalos amanhavam com as crinas trançadas entre outras travessuras. Então o seu avô resolveu fazer um pacto com a criatura para que pudesse ter paz na fazenda e ainda conseguir algumas coisas, como encontrar bons locais de caça, e que as plantações estivessem sempre livres de pragas e ladrões. Ela dizia que seu avô nunca falhou com o pacto, sempre deixando fumo para o Saci. Mas que as pessoas que falhavam acabavam levando uma surra de chicote, ou as brincadeiras do duende voltavam a acontecer na fazenda.

Entre as histórias ficou um detalhe muito importante, sobre o assovio deste ser sobrenatural. Costuma ser um assovio duplo tipo um Fu-fuuu, repetidas vezes, e que possuía uma característica bem estranha. Toda vez que se ouvia o assovio vindo de perto, ele estaria bem longe, mas quando se ouvia o assovio bem distante ele estaria bem próximo.

Já eram umas 20h quando as histórias terminaram, então resolvemos levar o Paulo para casa, ficava no mesmo bairro, mas passávamos por uma pequena estradinha de terra na época, ao voltarmos eu e meu xará ouvimos um assovio que parecia bem distante. Olhamos um para o outro e ouvimos novamente. Parecia vir de mais longe...

— Lembra do que minha mãe falou? - disse meu amigo.

Eu lembrava. Posso dizer com toda certeza que nunca corremos tanto como naquele dia.



Este Saci é como um elemental que esta sempre presente na floresta, podendo ser uma árvore, um arbusto, uma rocha na beira do rio, que ganha vida quando preciso. A inspiração foram os Ents de Tolkien. Uma brincadeira que fiz foi colocar um simbolismo sexual em sua face: um nariz em forma de pênis está introduzido em uma vagina que fica em sua testa.

- Adriano Batista, São José dos Campos/SP

ENTRE PONTOS

Gláucia Santos Garcia

A tarde estava quente e abafada, o céu muito azul. Passava das três horas. Sua única companhia era o gato. No entanto, ele estava entregue à letargia de um entardecer calorento. “Dureza é ter que carregar um casaco de peles permanente neste tempo”, pensou.

Em meio aos resmungos, crocheta. Nos últimos tempos, retomara o crochê, em parte por necessidade de se livrar do excesso de lãs entulhando o cômodo misto de escritório-ateliê-biblioteca, como por precisar extravasar sua criatividade.

Na verdade, havia um terceiro motivo. Precisava manter a mente ocupada com uma atividade mecânica, porém criativa. Os últimos tempos não tinham sido leves para ela. Problemas de toda ordem, domésticos, profissionais, econômicos. Estava esgotada, no limite de sua capacidade intelectual e com os nervos em frangalhos.

A cada lançada da agulha, pensava na vida e, entre pontos e fios, fazia sua análise e autocrítica. O apartamento onde vivia, localizado numa grande floresta urbana, era o ambiente ideal para a sua reclusão voluntária. “Crochê é assim: depois que se faz a base de correntinhas e as primeiras carreiras, o resto sai quase mecanicamente, um pouco no piloto automático”. Por esta razão, julgava aquela atividade ideal para seu momento pessoal. Não era tão absorvente a ponto de impedir suas reflexões, mas, ao mesmo tempo, funcionava como uma espécie de tranquilizante.

Por vezes, em meio às linhas e cores, divagava tanto que sobrevinha a sonolência. Foi assim naquele dia. Sentia os olhos pesados, quase fechando. Decidiu fazer um café. Deixou o trabalho sobre a mesa e foi à cozinha.

Encheu a chaleira. Quando foi acender o fogo, sentiu um vento pouco mais forte do que uma brisa. Pensou: “que ventinho bom! Está tão abafado...”. Pegou filtro, pó e demais apetrechos. Armou mecanicamente a traquitana em cima da pia. “Fazer café também é uma atividade automática...” Olhou pela janela e tornou a ver aquele pássaro pardo, penachinho vinho na cabeça. Há tempos ele andava por ali, sempre sozinho. Deixou tudo pronto e voltou para a sala a fim de retomar o trabalho, enquanto esperava a água ferver.

Mal pôs os pés no corredor, olhou para o chão e viu o cachecol em confecção completamente embolado, as lãs embaraçadas, tudo revirado. Foi direto procurar o gato.

Não fora ele, pois dormia profundamente na mesma posição há mais de uma hora. “Deve ter sido o vento ou eu mesma quando levantei...”. Lá fora, os pássaros cantavam alvoroçados. Teve, então, a sensação de que seu canto estava diferente, pareciam mais agitados ou, talvez, alegres. “Besteira...”. A água ferveu. Levantou, conferiu o sono felino e foi preparar o café.

Enquanto coava, ouviu um ruído parecido com um estalido. “Nesse daí eu nunca havia reparado. Também, aqui tem tanto bicho e barulho estranho que nem dá para saber se vem de ave, de inseto...” Aspirou o aroma do café fresco: “Perfumoso, como se diz.” Sorriu, encheu a caneca e foi para a sala.

O gato continuava ressonando em seu canto do sofá. “Como pode dormir tanto? E ainda dorme à noite...”. Mudou a estação do rádio, bebeu uns goles de café. Voltou ao crochê e o trabalho estava lá, intacto. Procurou a agulha, não achou. Olhou em volta, no chão, no caminho até a cozinha, no tapete debaixo da mesa. Nada. “Mas onde se enfiou essa danada?” Esquadrinhou tudo novamente, agora olhando em cima e debaixo dos móveis. Inútil. “Ai, ai, ai... outra agulha que perco”.

Deu de ombros. Foi pegar o estojo. “Quase não resta mais nenhuma. Perdi todas.” Olhou para uma, de osso, com o cabo quebrado. “A da vovó. Há tanto tempo não uso. Será esta...”. Aquela era especial.

Recomeçou os pontos. A agulha ia e vinha, dando lançadas em total liberdade. Os pensamentos fluíam de igual maneira, alternando lembranças antigas e novas, sem muitas elaborações, enquanto os pontos se acumulavam no cachecol. Foi pegar outro café. Resolveu fazer um pingado. Abriu a caixa de leite. Azedo. “Como estragou? Estava novo.”

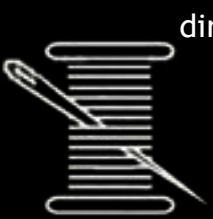
Voltou ao crochê. Talvez devido ao estímulo da cafeína, os pontos se sucediam com extrema fluidez. O tecido crescia, com suas voltas e reviravoltas em carreiras retorcidas. Já não ouvia a música do rádio, tamanha a concentração. Era como se pensamento, mãos, agulha e fio estivessem totalmente conectados. Mal ligou ao ouvir novamente aquele canto esquisito, parecia um trique, mas não era de grilo. Nem tentou olhar para fora.

O gato se espreguiçou no sofá, levantou e foi para o seu lado, cabecear sua perna.

— Tá com fome, né? Vem.

Foi pegar a ração na cozinha. Nem bem entrou e exclamou:

— Ah, Ilich! O que você aprontou? —, bron-



queou. O gato escapuliu como um raio. Ele conhecia muito bem aquele tom de voz.

O café que restou no filtro estava espalhado pelo chão. “Ele nunca tinha feito isso. Sempre há uma primeira vez”, resmungou, enquanto foi pegar a vassoura. Limpou a bagunça. O gato foi se chegando devagar, sondando se a barra estava limpa, quando teve certeza que sim, miou.

— Vem cá, seu bobo. Coisa feia que você fez. Deixa eu limpar suas patas...

Estavam limpas. Sem sinal de café. Não estranhou. “Gatos são animais extremamente limpos, todo mundo sabe. Aprontou a lambança e já se limpou.” Fez um cafuné. Foi para a sala, pegou uma bolinha e arremessou. O bichano correu para dar o bote e começou a perseguição. “É o instinto.”

Deixou o caçador se divertindo com a caça e retornou, novamente, ao crochê. Não perdeu o ritmo. Crocheteira, instrumento e fio, continuavam em total integração. Não ouvia mais o som das patadas felinas, muito menos o trique trique, agora mais insistente e próximo. Não deu atenção.

O gato caçava furiosamente, mas a bola estava abandonada num canto. Foi ver o que era. À primeira vista, pensou ser um dos ratinhos de brinquedo. Andavam sumidos, pois ele gostava de escondê-los. Logo a seguir, estranhou a cor. Ele não tinha ratos assim. Quando se abaixou para pegar o objeto, não o reconheceu. Era uma espécie de bonequinha, muito mal feita, deformada até. Por pouco dava para identificar. Era completamente disforme e não havia proporção alguma entre cabeça, tronco e membros. Um pedacinho de renda encardida fazia às vezes de saia. Ela julgou que tamanha desproporção e feiura eram consequências da caçada. “Onde será que ele arranjou isso? Deve ter caído do apartamento de cima”.

Não queria pensar muito. Necessitava fugir de complicações. Voltou aos pontos. Tentou relaxar e regressar à espécie de transe anterior. Não conseguiu. Aquela tarde estava muito mais estranha do que o habitual. “Estou ficando louca. Esse isolamento não está me fazendo bem.” Olhou para o céu, ainda azul. Olhou para a agulha em sua mão direita, inerte, sem laçada nem ponto. Lembrou-se da avó, com quem aprendera tanto. Começou a se lembrar de coisas que ela costumava fazer. O café da tarde, religiosamente. Coisas que falava. “Também resmungava como eu!”, riu. Foi assim, no meio dessa turnê vespertina ao próprio passado que recordou de ouvi-la dizer, muitas vezes, sempre que sumia algo: “Deve ser coisa do saci!”.

Estremeceu. Não era possível. Ou seria? O vento, o pássaro, o estalar, o leite, a boneca tosca... Não era religiosa. Não tinha rosário em casa, nem peneira. Também não ia desperdiçar uma garrafa de vinho. Ainda mais agora, em tempos de vacas magras. Algo veio à mente. Não titubeou.

Por hábito e para manter a lembrança da avó sempre viva, gostava de ter sempre palha benta em casa. Era bom para proteger, ela dizia. Quando ela

era via, sempre iam à igreja no domingo de ramos, pegar as folhas de palmeira e aguardar a bênção do padre. Depois, dobravam tudo e guardavam até secar. Foi à gaveta, pegou um pouco. Deu um nó, meio incrédula no resultado. Outro nó e, ainda, um terceiro. Ouviu um grito de dor:

— Aaaaaaaaaiiiiiiii!

Quase não acreditou quando viu surgir de trás da porta um negrinho, carapuça vermelha, pulando numa das pernas. Não, ele só possuía uma perna. Sim, ele só possuía uma perna! Apertava o baixo ventre com as mãos, praguejava e se contorcia de dor. Ela respirou fundo e, calmamente, falou:

— Devolve!

Ele quis enrolar, disse que não sabia. Apertava as pernas (mas só tinha uma perna!). Ela esticou a mão e mostrou a palha com os nós. Falou: — Não vou soltar.

— Tá bom! Tá bom! —, disse ele contrariado, gemendo. Sumiu por um instante e voltou com várias agulhas. E mais, seis ratinhos e outros brinquedos do gato, quatro canetas, dois lápis, uma borracha, um rolo de fita adesiva, cinco lixas de unha, quinze alfinetes, um anel, três brincos descasados, oito CDs sem capa, um pendrive e vários pés de meia.

— Quer sua boneca de volta? —, ela perguntou. Ele balançou a cabeça em negativa.

Então, ela delicadamente desfez os nós e o deixou ir saltar e aprontar em outro lugar. Era da natureza dele fazer estripulias. No fundo, ele era do bem, assim como ela. O mundo é que andava estranho.

Enquanto a noite começava a cair, agradeceu silenciosamente à avó. Ela sempre dizia que quando se perde algum objeto de forma inexplicável, só pode ser coisa do talzinho. Então, é só pegar uma folhinha de palha benta e dar três nós. *Assim a gente amarra o pinto dele.*

Não quis racionalizar. A vida estava complicada demais para isso. Procurou o gato e o encontrou adormecido, como de hábito. “Esse daí sabe das coisas. Ô vidão!”. Pegou mais uma caneca de café

Foi ao escritório, ligou o computador e abriu o processador de textos. Começou a digitar:

A tarde estava quente e abafada...

Gláucia Santos Garcia é historiadora e fundadora do site [Jangada Brasil](#) no Rio de Janeiro/RJ.



Meu saci é meio que um mago de RPG e é tão fodão que seus pés nunca chegam a tocar o chão. Escolhi para esta classe uma personalidade meio desinteressada, nobre e arrogante, porque... bem, ele flutua acima do chão, então simplesmente não tem tempo para as suas merdas.
- Alice Bessoni





“Muitos dizem que o folclore brasileiro é muito chato, mas é uma questão de ponto de vista. A idéia era fazer uma releitura do personagem mais agressivo e mostrasse mais o lado capoeirista dele”
- Rennan Akio



“Tentei criar uma atmosfera sinistra, bem dark mesmo. A ideia era imaginar o saci voltando para a floresta escura, deixando para trás um rastro de sangue. A cicatriz nas costas, talvez, tenha sido causada pelo encontro indesejado com algum caçador”
- João Paulo Gomes de Freitas



O **Saci Urbano** é criação do grafiteiro Thiago Vaz. Desde 2009 este perneta de tênis e boina vermelha espalha pelos muros de São Paulo sua mensagem. Apedreja tucanos numa parede, é rendido pela polícia por ser negro em um viaduto, caça o Mickey Mouse numa porta de madeira. Assim como o saci folclórico, o saci urbano mostra que o deboche é uma arma poderosa.